

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A SEPARAÇÃO PSICOLÓGICA DOS PAIS
ASSOCIADOS À IDEACÃO SUICIDA

Sónia Alexandra Rodrigues Abreu

Nº 11656

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2007/08

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

FUNCIONAMENTO FAMILIAR E A SEPARAÇÃO PSICOLÓGICA DOS PAIS
ASSOCIADOS À IDEIAÇÃO SUICIDA

Sónia Alexandra Rodrigues Abreu

Dissertação orientada por: Professora Doutora Maria Gouveia Pereira

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia
Especialidade em Psicologia Clínica

2007/08

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho DES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Aos meus pais e irmão
Pelo carinho e compreensão.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, por toda a colaboração e apoio dispendido no decorrer deste trabalho de investigação.

À professora Doutora Regina Bispo pelo auxílio prestado na análise estatística e por toda a disponibilidade e simpatia demonstrada.

Ao Doutor Pedro Frazão pela sua acessibilidade e disponibilidade.

Ao Doutor Manuel Tavares pelo seu apoio que foi fulcral para a realização deste trabalho.

A todos os estudantes que colaboraram neste trabalho e o tornaram possível.

A todos os meus familiares e amigos, em particular à Daniela e ao Luís, pelo apoio incondicional que tornou possível a conclusão desta etapa.

Resumo

Este trabalho teve como objectivo averiguar se o funcionamento familiar e o grau de autonomia estavam associados à ideação suicida. Através do estudo transversal e da metodologia comparativa tentou-se averiguar como estes três fenómenos interagem e em que medida se encontram interligados, mais especificamente, qual o impacto que o funcionamento familiar e a separação psicológica dos pais têm nos adolescentes e qual a sua influência relativamente aos níveis de ideação suicida.

Esta investigação contou com a participação de 289 adolescentes que frequentavam o ensino básico e secundário, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, aos quais se aplicaram os seguintes instrumentos: o Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.) (Ferreira, & Castela, 1993/94), uma versão portuguesa da Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar (Olson, Portner, & Lavee, 1985) e uma versão portuguesa do Inventário de Separação Psicológica (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). Os resultados mostram que as famílias Desagregadas e as famílias Rígidas, ao não atingirem o equilíbrio adequado nesta etapa de desenvolvimento, criam grandes dificuldades aos seus adolescentes na resolução de separação psicológica, permitindo-lhes apenas alcançar uma pseudo-autonomia, o que parece provocar níveis de ideação mais elevados. Em contrapartida, as famílias Aglutinadas e as famílias Caóticas parecem atingir o equilíbrio desejável, o que faz com que os seus adolescentes tenham menos dificuldades no processo de separação, alcancem uma verdadeira autonomia e apresentem níveis mais baixos de ideação suicida. Em suma, os níveis mais altos de ideação suicida parecem expressar um duplo fracasso, ao nível familiar e individual, na medida em que um tipo de funcionamento familiar específico e dificuldades no processo adolescente parecem levar ao surgimento destes pensamentos de forma mais acentuada.

Palavras-chave: funcionamento familiar, coesão, adaptabilidade, separação psicológica, ideação suicida.

Abstract

The aim of this project work was to inquire if family functionalism and self-government degree were associated to suicide ideation. Through a transversal study and the comparative methodology one tried to investigate how these three phenomena interact and whether they are in any way connected, specifically which impact does family functioning and psychological separation from parents have on teenagers and whether it has any influence on the suicidal ideation levels.

This investigation counted with the participation of two hundred and eighty-nine teenagers, attending elementary and secondary school, with ages between fourteen and nineteen, to whom were applied the following tools: the Suicidal Ideation Questionnaire (Q.I.S.) (Ferreira & Castela, 1993/94), a Portuguese version of the Evaluation Scale of Adaptability and Family Cohesion (Olson, Portner, & Lavee, 1985) and a Portuguese version of the Psychological Separation Inventory (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). The results show that disengaged and rigid families, who weren't able to attain the wished equilibrium at this stage of development, rise more difficulties to their youngsters regarding psychological separation, allowing them to obtain a false autonomy, which seems to lead adolescents to higher levels of suicide ideations. However, on the other hand, enmeshed families and chaotic families seem to achieve the aimed equilibrium, which enables adolescents to have fewer difficulties in facing the separation process, attain a true autonomy and show a lower suicidal ideation levels. In brief, the higher levels of suicidal ideation seem to express a double failure, at family level and individually, according to which the way family functions and difficulties encountered in the teenage growing process seem to lead to the emerging of suicidal thoughts in a more emphasized manner.

Key words: family functioning, cohesion, adaptability, psychological separation, suicidal ideation.

Índice

<i>Introdução</i>	1
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
Os comportamentos suicidários	4
<i>Suicídio, tentativas de suicídio, para-suicídio e ideação suicida</i>	4
<i>Comportamentos suicidários e possíveis significados</i>	6
Suicídio na adolescência.....	8
Adolescência.....	9
<i>Noção de Adolescência e as suas tarefas</i>	9
<i>Autonomia psicológica – Processo separação-individualização</i>	12
A Família	15
<i>A Família e as suas propriedades</i>	15
<i>Ciclo vital da família</i>	17
<i>Momentos de crise</i>	18
<i>A Adolescência como etapa do ciclo vital da família</i>	19
<i>O funcionamento familiar como um possível factor de risco</i>	21
II – OBJECTIVOS E HIPÓTESES DO ESTUDO	27
III – MÉTODO	29
Design e Participantes	29
Instrumentos	30
<i>Os instrumentos escolhidos</i>	30
<i>Questionário de Ideação Suicida</i>	31
<i>Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão familiar</i>	32
<i>Avaliação da Separação Psicológica</i>	33
Procedimento	34
IV – Tratamento Estatístico	36
V – DISCUSSÃO e CONCLUSÃO	50
Considerações finais	56
VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

Índice de Anexos

<i>ANEXO I</i> - Características psicométricas dos instrumentos	63
<i>ANEXO II</i> - Versões do instrumento utilizado	66
<i>ANEXO III</i> – Caracterização da família.....	120

Introdução

O suicídio é um fenómeno que desde sempre suscitou interesse, continuando até aos dias de hoje a ser alvo de crescentes pesquisas e de preocupação. Trata-se de um fenómeno complexo, de génese multifactorial, em que não é possível verificar uma causalidade linear. Este fenómeno remete-nos para um continuum, com um gradiente de severidade, que abrange todos os comportamentos suicidários, em que a ideação suicida é vista como um estado preliminar e um precursor de comportamentos mais severos. Daí a ideação suicida se tratar de um fenómeno que possibilita a obtenção de informação valiosa para a compreensão e prevenção destes comportamentos, bem como se tratar de um sinal de alerta e de um motivo de preocupação.

Tendo em conta que o indivíduo não é um ser isolado mas sim um ser que se encontra em constantes interações e que é no seio destas mesmas que o seu desenvolvimento ocorre e se torna possível, torna-se de extrema importância averiguar todos os comportamentos do indivíduo, inclusive os comportamentos suicidários, através da análise das suas interações, sendo a família um grupo privilegiado para que essa análise ocorra, tendo em conta o papel crucial que a mesma cumpre no seu desenvolvimento.

Partindo do que foi dito, e valorizando o significado subjacente dos comportamentos suicidários, podemos olhar para a ideação suicida como um meio de comunicação que evidencia o seu carácter ambivalente e relacional. Podemos olhar para a ideação suicida como um sintoma que, enquanto inserido no contexto de interação humana, se revela um meio de comunicação, uma forma de expressar dificuldades a diferentes níveis, nomeadamente, ao nível desenvolvimental e familiar.

É na adolescência que, segundo a literatura, estes comportamentos e pensamentos tendem a surgir. Na adolescência, fase de desenvolvimento onde ocorrem mudanças físicas, cognitivas e psicológicas, e onde são impostas tarefas de desenvolvimento que têm de ser ultrapassadas com sucesso para que este período seja percorrido sem incidentes. Período em que são impostas tarefas ao adolescente mas também à sua família, tendo em conta que a adolescência se constitui, simultaneamente, como uma etapa do ciclo individual e uma etapa do ciclo familiar.

O desafio principal que é colocado ao adolescente é a construção de uma identidade definida, onde a aquisição da autonomia é uma condição necessária. É esperado que o adolescente deixe o “porto seguro” garantido pelos pais e parta para novas aventuras, que

desloque o seu investimento pessoal, que outrora recaía nos seus pais, para o seu grupo de pares, que construa o seu próprio sistema de valores e ideais. Para que esta emancipação da tutela dos pais seja realmente conseguida tem que se verificar uma separação psicológica dos pais, isto é, o adolescente tem que adquirir uma maior independência a vários níveis em relação aos pais sem que surjam sentimentos de culpabilidade, ansiedade, raiva e ressentimento. E é a este nível que as relações progenitores-adolescente, e a qualidade das mesmas, cumprem um papel fulcral, pois para que a separação ocorra com sucesso tem que existir laços afectivos firmes que os unam. Pais e filhos devem alterar as suas relações mas jamais devem romper com os seus vínculos. No fundo, o adolescente precisa de percorrer sozinho a caminhada que se intitula por desenvolvimento, mas acompanhado pelo olhar atento e orientador, embora subtil, dos seus pais. Assim, trata-se de uma fase de desenvolvimento em que pais e filhos são postos à prova, em que ambos perante as tarefas que lhes são impostas têm que encontrar respostas adequadas estas que se prendem com alterações ao nível relacional, estrutural e funcional. A família tem que permitir que o adolescente experiencie a individualização mas também a proximidade, que a família experiencie a estabilidade do seu sistema familiar mas também uma certa abertura a mudanças quando necessário. Em suma, os membros do sistema familiar têm que estabelecer elos emocionais consistentes e fortes entre si e, simultaneamente, fomentar a autonomia uns dos outros, têm que alterar padrões de relacionamento, papéis e regras sem que com isso seja posta em causa a manutenção e a continuidade do sistema familiar. Como tal, as famílias em que os elos emocionais sejam demasiado ténues (desagregadas) ou demasiado fortes (aglutinadas) e/ou em que haja dificuldades relativamente à capacidade de transformação, alteração de regras e papéis, ou por se tratar de uma família muito rígida (baixa capacidade de transformação, regras rígidas e papéis estereotipados) ou caótica (mudanças de papéis drásticas, sem regras pré-estabelecidas), podem dificultar e bloquear o processo adolescente o que pode levar ao mal-estar que pode ser expresso através do surgimento de sintomas. E é neste contexto que pode surgir a ideação suicida como forma de expressar um fracasso ao nível individual desenvolvimental e familiar. Assim, percebe-se o impacto e a influência que o funcionamento familiar tem no processo adolescente e como este último depende da capacidade da família em dar respostas adequadas face às diferentes situações, bem como as consequências que podem advir se a família e o adolescente não conseguirem dar solução às tarefas.

Desta forma, achou-se de todo o interesse que este estudo se debruçasse sobre estas 3 grandes áreas: a *autonomia psicológica dos pais (separação psicológica)*, o *funcionamento familiar* e a *ideação suicida*.

De seguida deparamo-nos com vários capítulos, onde o tema do trabalho é explorado a diferentes níveis. No **Capítulo I** temos o enquadramento teórico, uma revisão de literatura acerca das três áreas mencionadas: a *autonomia psicológica dos pais (separação psicológica)*, o *funcionamento familiar* e a *ideação suicida*, dando ênfase aos comportamentos suicidários e aos significados subjacentes, à adolescência e às tarefas características, especialmente à autonomia, e à família e às suas propriedades. Esta investigação insere-se no quadro de referencial sistémico que será, no entanto, enriquecido por contribuições da perspectiva psicodinâmica no que remete para a compreensão do período desenvolvimental em causa, ou seja, a adolescência, uma vez que permite uma compreensão complementar do processo adolescente.

No **Capítulo II**, encontramos os objectivos e hipóteses do estudo e no **Capítulo III** o método desta investigação que, neste caso específico, se trata de um estudo transversal em que é utilizada a metodologia correlacional. O **Capítulo IV** reserva-se à apresentação dos resultados – Análise estatística – e os seguintes, **Capítulo V** e **VI**, à discussão e conclusão dos mesmos.

I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Os comportamentos suicidários

Suicídio, tentativas de suicídio, para-suicídio e ideação suicida

O *suicídio* é um problema que desde sempre preocupou a humanidade. Tal como defende Prats (cit. in Sampaio, 2006) “não há nenhuma sociedade ou microcultura, qualquer que seja o período histórico considerado, onde não exista suicídio, embora gerido em cada uma delas de forma diferenciada, conforme a sua mentalidade e ideologia específica sobre a vida e o seu valor social e simbólico, sobre a morte e o significado do após a morte” (p. 22). É um fenómeno que, ao longo do tempo, tem sido alvo de diversas reflexões, posições e atitudes. Trata-se de um fenómeno complexo e, embora continue a ser o foco de interesse e desafio para muitos autores, de diferentes abordagens, ainda não surgiu nenhuma explicação que o permita compreender na sua totalidade (se é que tal é possível) de forma a lhe fazer frente e diminuir drasticamente os números que, ao longo dos anos, se fazem notar.

Apesar do número significativo de pessoas que morrem devido a um gesto suicida, actualmente ainda nos deparamos com a dificuldade em definir o *suicídio*, sendo múltiplas as definições levantadas. Uma das definições, a adoptada neste trabalho, é a de Sampaio (2002b) que entende o *suicídio* como “a auto-destruição provocada por um acto executado pelo sujeito, com intenção deliberada de pôr termo à vida” (p. 396).

Uma das questões levantadas por esta definição, tal como sugere Sampaio (2002a,b), prende-se com a intencionalidade do gesto suicida. Questão que, segundo o autor, tem vindo desde a antiguidade a ser alvo de diversas críticas, pois a ideia de morte não está presente, de igual forma, em todos aqueles que atentam contra a sua própria vida, sendo igualmente difícil compreender a motivação individual que está por detrás da conduta suicida.

Fenómenos associados e não menos importantes são as *tentativas de suicídio*, o *para-suicídio* e a *ideação suicida*. Pode-se entender por *tentativa de suicídio* o gesto auto-destrutivo que, por razões variadas, não é fatal (Sampaio, 2002b). Por sua vez, o *para-suicídio* pode ser visto como um “acto não fatal, através do qual o indivíduo protagoniza um comportamento invulgar, sem intervenção de outrém, causando lesões a si próprio ou ingerindo uma substância em excesso, além da dose prescrita, reconhecida geralmente como terapêutica, com vista a conseguir modificações imediatas com o seu comportamento ou a

partir de eventuais lesões físicas consequentes” (Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2003/2006, p. 2).

Os fenómenos mencionados, *tentativa de suicídio e para-suicídio*, suscitam alguma dificuldade na sua diferenciação, eventualmente por estarem fortemente interligados, no entanto, a Sociedade Portuguesa de Suicidologia (2003/2006) avança com o facto de ser o nível de intencionalidade um dos factores que mais os diferencia, verificando-se uma maior intencionalidade na *tentativa de suicídio*.

Por fim, a ideação suicida pode designar pensamentos e cognições sobre o acabar com a sua própria vida, podendo ir, num crescente hierárquico, desde pensamentos gerais sobre a morte até idealizações mais sérias sobre formas de cometer o suicídio (Ferreira, & Castela, 1999).

Castela (1994) considera os comportamentos suicidas como um espectro comportamental, o que sugere um continuum com um possível gradiente de severidade. Neste sentido, podemos considerar um continuum em que nos seus extremos se encontram a ideação suicida e o suicídio, a ideação suicida como o comportamento suicida menos severo e o suicídio visto como o comportamento mais severo, passando pelo para-suicídio e a tentativa de suicídio com severidade intermédia. Seguindo esta linha de raciocínio, a ideação suicida pode ser vista como um estágio preliminar de outros comportamentos suicidas e, consequentemente, como um precursor de comportamentos suicidas mais severos. Ainda mais porque, embora a ideação suicida não esteja presente em todos os jovens que atentam contra a sua vida, encontra-se presente numa grande maioria dos adolescentes que fizeram tentativas de suicídio, tal como nos indica a análise das consultas do Núcleo de Estudos sobre o Suicídio (NES) feita por Sampaio e Santos (1997).

Como tal, parece pertinente analisar a ideação suicida, não só para ultrapassar dificuldades metodológicas associadas às pequenas amostras clínicas, mas também porque a prevenção e compreensão do suicídio pode passar pela obtenção de informações sobre os precursores do comportamento suicidário nas populações não clínicas. Assim, o estudo da ideação suicida pode ser uma forma de acedermos aos padrões de evitamento ou facilitação das condutas suicidas, permitindo assim a prevenção e a intervenção de uma forma mais eficaz.

Comportamentos suicidários e possíveis significados

Quando o tema suicídio surge em contexto informal, é frequente nos confrontarmos com comentários do tipo: “Só fez isto para chamar a atenção”; “Foi por ter acabado com o namorado”; “Não se dava com o pai”...

Embora estes comentários possam identificar alguns dos possíveis precipitantes não podemos descurar do gesto auto-destrutivo em si, pois pode-se correr o risco de subestimar esta conduta e apenas vê-la como manipulativa ou até mesmo como sinal de fraqueza, encarando-a, de forma errónea “como pedidos de socorro conscientemente lançados e tentativas de manipulação, o que leva a que se negue o seu significado” (Stengel, 1980, p. 110). Não podemos perder de vista que apenas se trata da identificação de precipitantes e que o importante é averiguar o significado que esse mesmo gesto comporta, pois «o motivo consciente é geralmente apenas o último factor de precipitação numa multiplicidade de causas» (Stengel, 1980, p. 47).

Sampaio (2002a,2006), valorizando a função apelativa e relacional destas condutas, identificou quatro tipos fundamentais de gestos auto-destrutivos juvenis, redefinindo-os como principais significações do suicídio: *apelo*, *desafio*, *fuga* e *renascimento*.

Segundo este autor, quando a tentativa de suicídio surge sob a forma de *apelo*, o significado subjacente é um pedido de ajuda por parte do sujeito àqueles que o rodeiam, estabelecendo uma relação baseada na maximização das diferenças.

Ao surgir como *desafio*, o gesto pode ser visto como uma contestação perante a autoridade parental, em que a relação se baseia na igualdade e na minimização da diferença.

Sob a forma de *renascimento*, o sujeito visa a reformulação do sistema através da sua transformação (morrer para nascer de novo), esperando que face ao seu gesto o sistema circundante se reorganize, pretendendo deste modo redefinir as relações do sistema de um modo individual.

Por fim, pode surgir sob a forma de *fuga*, em que o sujeito se retira do confronto com os demais, de forma a que o sistema redefina as regras sem a sua presença.

O autor salienta, que todos os quatro tipos de tentativas de suicídio adolescente se revestem de um «paradoxal apelo à mudança», mesmo quando este acto se revela fatal. Como tal, é importante olhar para o suicídio como um gesto auto-destrutivo, mas também como uma tentativa de comunicação e apelo, pois, tal como avança Martins (1990), trata-se de “ um gesto solitário e isolado, mas também um processo de relação e contacto; é um gesto individual e privado, mas simultaneamente familiar e «público», através do qual se diz a

dificuldade de comunicação «com» e «do» meio familiar e social; é um gesto de abandono e desistência que ao mesmo tempo procura, paradoxalmente, reequilibrar e reorganizar o sistema familiar” (p. 120). Assim, torna-se fundamental “ter em conta a ambivalência vida/morte que fundamenta uma outra dimensão, a comunicativa e relacional” (Martins, 1990, p. 55). Este carácter ambivalente que se encontra presente, em maior ou menor grau, em todos os gestos auto-destrutivos está explícito na célebre frase de Shneidman (cit. in Sampaio, 2006): “o indivíduo suicida é aquele que corta a garganta e grita por socorro ao mesmo tempo” (p. 41).

Podemos então, olhar para os comportamentos suicidários como sintomas que, enquanto inseridos no contexto de interação humana, se revelam meios de comunicação, uma meta-comunicação e tentativa paradoxal da mudança da comunicação do sistema familiar. Por esta razão, é importante ter-se em conta o contexto específico em que, na maioria dos casos, este mesmo ocorre, isto é, na proximidade da família. Contudo, Sampaio (2006) acrescenta que os comportamentos suicidários se inscrevem não só no fracasso ao nível familiar, como também ao nível individual (como por exemplo, o fracasso das tarefas do desenvolvimento) e social, sendo uma tentativa desesperada de alterar uma situação insustentável uma vez esgotadas todas as outras possibilidades. Assim, e numa perspectiva sistémica, os comportamentos suicidários devem ser observados segundo duas dimensões que se encontram em constante interação: dimensão individual, focando-se algumas dificuldades tais como o fracasso das tarefas maturativas, e a dimensão familiar, onde o conflito e as dificuldades familiares são centrais.

Como tal, a adolescência parece ser um período pertinente para se focar o estudo pois permite olhar para o sintoma, neste caso a ideação suicida, tendo em conta as dimensões individual e familiar uma vez que a adolescência se constitui, simultaneamente, como uma etapa do ciclo individual e uma etapa do ciclo familiar.

Em suma, estes comportamentos suicidários devem ser encarados como um modo de comunicação que demonstra que algo não correu bem no desenvolvimento do adolescente (tendo em conta o âmbito deste trabalho) e no funcionamento do Sistema familiar, o que provoca um grande sofrimento, conflito e sobretudo a necessidade que ocorra mudança. Percebe-se então, o quanto é importante que o gesto auto-destrutivo não seja menosprezado, independentemente do significado a que esteja veiculado, devendo ser motivo de preocupação, carecendo de averiguação e de intervenção.

Embora estejamos a realçar os comportamentos auto-destrutivos propriamente ditos, todos os comportamentos que fazem parte deste continuum, como é o caso da ideação suicida,

devem ser encarados com a mesma atenção, pelas razões já apontadas anteriormente, pois podem-nos dar informações importantes quando analisados. Por esta razão, no presente trabalho, vamos incidir numa população de adolescentes, não perdendo de vista a perspectiva desenvolvimental e familiar, partindo da hipótese que a ideação suicida expressa dificuldades nas relações familiares e no desenvolvimento psico-afectivo do adolescente.

Suicídio na adolescência

O suicídio é um dos fenómenos que surge na adolescência como expressão de mal-estar, podendo este ser encarado, como já foi referido anteriormente, como uma forma de comunicar o fracasso, entre outros, das tarefas desenvolvimentais individuais e familiares. Sampaio e Santos (1997) ao realçar ser entre os 15 e os 19 anos que se verifica uma frequência particularmente elevada de comportamentos suicidas, vêm, de certa forma, dar sentido a esta afirmação na medida em que, como defendem, é nesta altura que se «agudiza» a autonomia do adolescente em relação à família, tarefa fundamental que engloba esforços individuais e familiares.

As taxas de suicídio, ao se considerar a população dos 15 aos 24 anos, são reveladoras pois situam o suicídio como a 2ª causa de morte em Portugal, (Sampaio, 2006) o que demonstra a pertinência do estudo deste fenómeno em adolescentes e a necessidade de pesquisas crescentes que visem uma prevenção cada vez mais eficiente de modo a colmatar o número de adolescentes que “caem nesta teia”. É neste sentido que se revela importante estudar a ideação suicida devido ao facto de a mesma se situar num dos pólos do continuum que pode levar à autodestruição e se tratar de um estado preliminar de comportamentos mais severos, uma vez que a obtenção de informações destes percursos pode contribuir para a prevenção e compreensão do suicídio.

É na adolescência que a ideação suicida ganha forma na medida em que estes pensamentos, acompanhados pelas novas capacidades cognitivas, surgem devido à consciência de finitude, como forma de lidar com problemas existenciais e como tentativa de procurar encontrar respostas para compreender o sentido da vida e da morte (Werlang, Borges, & Fensterseifer, 2005). Como tal, é importante averiguar a intensidade, a profundidade, a duração e o contexto em que surgem estes pensamentos pois é a impossibilidade de o adolescente se desligar dos mesmos que se constitui um factor de risco e que coloca o adolescente numa situação de crise. Assim, é essencial estar alerta e perceber

quando a ideação suicida passa de uma característica normal desta fase de desenvolvimento para uma forma de expressar um fracasso ao nível individual e familiar. Para se evitar esta passagem e para se actuar de uma forma preventiva em relação não só à ideação suicida como em relação a todos os comportamentos suicidários é preciso estar alerta e conhecer os diversos factores de risco e de protecção que são apontados pela literatura. É certo que não se pode dizer que este ou o outro factor ou até mesmo que um determinado conjunto de circunstâncias levam o adolescente a pensar ou atentar contra a sua própria vida, no entanto sabe-se, através da literatura, que alguns factores podem contribuir para o surgimento destes mesmos comportamentos, o que evidencia a pertinência de estudos que tentam escrutinar alguns dos factores apontados de modo a obter mais informações que possam contribuir para uma prevenção mais eficaz. Deste modo, ao olhar para os comportamentos suicidários como sintomas que expressam o fracasso ao nível individual e familiar e atendendo ao facto da sua compreensão passar pela análise do contexto social em que se processa e das relações interpessoais estabelecidas, a tentativa de identificar factores familiares que possam estar associados a estes comportamentos faz todo o sentido e daí o âmbito deste trabalho.

Muitas vezes torna-se difícil para quem rodeia o adolescente, aceitar que um jovem que é visto como estando no auge da sua vida e com um futuro pela frente idealize pôr termo à vida ou que pense no suicídio como uma possibilidade. Contudo, é importante não minimizar o sofrimento do adolescente em causa, nem olhar para este sofrimento como algo característico da adolescência, pois sabe-se que embora se trate de um período recheado de mudanças e transformações, a adolescência não se caracteriza pelo sofrimento, revelando o mesmo grande mal-estar e dificuldades desenvolvimentais. Torna-se então importante que os educandos estejam informados e atentos, não havendo quaisquer dúvidas quanto ao que é e não é normal, o que é e não é esperado nesta fase de desenvolvimento que é a adolescência.

Adolescência

Noção de Adolescência e as suas tarefas

«A adolescência, antes etapa transitória e curta e palco de rituais inicitários facilitadores da separação da família de origem e da aquisição rápida do novo status de adulto, transformou-se, nas sociedades industrializadas do Ocidente, numa fase longa do ciclo de vida» (Fleming, 1997, p. 21).

Actualmente, a adolescência é alvo de crescentes pesquisas, pois suscita grande interesse devido à importância que lhe é atribuída. Contudo, esta nem sempre foi vista da mesma maneira, chegando mesmo a ser negligenciada noutros tempos, tendo sido apenas ao longo do tempo, a passo da evolução da sociedade e de algumas mudanças ocorridas na mesma, que se dá o aparecimento do conceito da adolescência e que esta foi ganhando lugar.

A adolescência, palavra que deriva do latim e que significa “crescer”, crescer para a maturidade, não deve ser vista como uma simples fase de transição da infância para a idade adulta, de modo a não a encararmos de forma errónea. Deve ser vista sim como uma fase fundamental no ciclo de vida do indivíduo, uma vez que «a vida psicológica – a qual podemos dividir em períodos como a infância, (...), adolescência, adultícia, meia-idade e velhice – é um processo contínuo, em que cada período tem as suas próprias características e o seu contributo para a vida e para o desenvolvimento psicológico» (Laufer, 2000, p. 72). Assim, a adolescência deve ser encarada como uma vivência psicológica com características específicas (Martins, 1990) que tem um papel crucial no desenvolvimento do indivíduo e na sua saúde mental.

É um período do ciclo de vida do indivíduo marcado pelo conceito de desenvolvimento, em que os termos mudança e transformação se impõe, quando se descrevem os diversos aspectos do crescimento durante esta etapa de vida (Castela, 1994). Várias e profundas são as alterações que ocorrem ao nível físico, cognitivo, psicológico, social e familiar, o que parece remeter para um período claramente demarcado do ciclo vital do indivíduo, no entanto, não existe uma definição consensual relativamente aos seus limites, havendo alguma disparidade entre os autores quanto ao início e término da adolescência. Deste modo, embora sejam várias as tentativas de definição para esta fase de desenvolvimento, a definição mais importante baseia-se em termos psicológicos em que a adolescência só termina quando certas tarefas estiverem concluídas. Assim, a adolescência passa a ser vista como uma etapa do ciclo vital do indivíduo, um período em que são impostas diversas tarefas psicológicas a que o adolescente tem que dar resposta e arranjar solução. São vários os autores, e de diversas abordagens, que se debruçaram e que se continuam a debruçar sobre esta fase de desenvolvimento e várias são as tarefas que definem como características deste período.

Segundo Laufer (2000) apesar das várias tensões experimentadas pelos adolescentes, há três tarefas comuns e necessárias no percurso desta fase de desenvolvimento: a alteração da relação com os pais, a alteração da relação com os pares e a formação da identidade sexual. Sampaio (2000) parece ir de encontro com esta conceptualização ao defender que na adolescência torna-se fulcral conquistar a autonomia, através da mudança da relação com os

pais e companheiros, e de atingir a identidade sexual através de um processo complexo onde cumpre um papel fundamental as experiências individuais e de grupo. Deste modo, para Sampaio (2000) a identidade e a autonomia tornam-se as questões fundamentais na adolescência e, segundo o autor, para que sejam conseguidas é extremamente necessário que ocorra um movimento do familiar para o social, isto é, que se verifique uma modificação/afastamento das relações com os pais e uma substituição progressiva pelo grupo de pares como agente de socialização. É esperado que nesta fase de desenvolvimento, as duas forças antagónicas que todo o ser humano possui – o sentido da autonomia e de fusão – se equilibrem e que seja a autonomia que, no decorrer da adolescência, predomine (Sampaio e Gameiro, 2005), pois isso significa que as alterações relacionais pretendidas estão a ser executadas com sucesso e que o meio circundante está a contribuir e a permitir que a autonomia aconteça. É importante a alteração ao nível relacional, no entanto, este afastamento das figuras parentais nada tem a ver com a ruptura de vínculos, mas sim com transformações necessárias para permitir a execução das tarefas referidas. Desde já, percebe-se a importância dos pais nesta fase de desenvolvimento, e o contributo importante que os mesmos podem dar na aquisição da autonomia, no entanto, falaremos nesta questão, mais em pormenor, quando falarmos de forma específica na autonomia e no que a mesma implica.

Relativamente às alterações esperadas nas relações de pares, não nos vamos prolongar muito devido à complexidade da temática, no entanto trata-se de relações extremamente necessárias, ocupando o grupo um lugar importante neste período de desenvolvimento, pois, para além de auxiliar na libertação da tutela parental, o grupo é essencial para o desenvolvimento da personalidade do adolescente tendo em conta que, como avança Sampaio (2006), permite um conjunto de identificações bem como partilhas de segredos e experiências. O grupo pode ser visto então como um aliado que ajuda o adolescente a alcançar a sua autonomia, contribuindo, deste modo, para o desenvolvimento psicológico e formação da identidade (Fleming, 1997). Formação da identidade que deve ser considerada como um processo dinâmico em que a dimensão interna e externa estão implicadas, alcançando-se a mesma, graças a transformações corporais e psicológicas sofridas pelo sujeito e a constantes interações com a família e grupo de pares.

Em suma, durante este período de desenvolvimento, o adolescente adquire competências intelectuais e sociais que até aí não existiam, o seu pensamento e o seu corpo mudam, as suas relações alteram-se e a caminhada por este período de desenvolvimento prossegue, até que se atinja as tarefas propostas com êxito e, conseqüentemente, se alcance a identidade e a autonomia que tanto se ambiciona.

Autonomia psicológica – Processo separação-individualização

De todas as tarefas avançadas pelos diversos autores é a autonomia uma das tarefas que mais ganha a admiração e interesse, sendo considerada por muitos uma das tarefas fundamentais desta fase de desenvolvimento – a adolescência.

Embora a autonomia seja uma questão importante ao longo da vida, é uma tarefa que ganha contornos particulares na adolescência, pois é nesta fase do desenvolvimento que se «pede» ao adolescente que, mais do que nunca, se torne uma pessoa autónoma e auto-suficiente, uma pessoa com o seu próprio sistema de valores. Para que este pedido seja ouvido e o adolescente consiga dar a resposta pretendida, se torne uma pessoa independente e com uma identidade definida, tem que se verificar uma emancipação da tutela parental, tem que ocorrer uma separação psicológica relativamente aos pais, o que demonstra o como a compreensão deste processo (separação psicológica) é importante no estudo do desenvolvimento adolescente. Fleming (2005) vem reforçar a importância deste processo ao defender que é a separação intrapsíquica e relacional entre pais e adolescente a organizadora de todas as outras mudanças de desenvolvimento, bem como Hoffman (1984) ao afirmar que o ajustamento saudável do indivíduo depende criticamente da sua capacidade em se separar psicologicamente dos pais.

Foram vários os autores que se interessaram por este processo, nomeadamente Blos (1967) que conceptualizou a realização desta tarefa através do segundo processo de separação-individualização, reintroduzindo a sistemática de Mahler no processo adolescente. Segundo o autor, este segundo processo de individualização, que decorre ao longo de todo este período de desenvolvimento, permite uma maior independência relativamente aos pais «reais» e aos objectos parentais infantis interiorizados o que torna possível a aquisição de um sentimento de self autónomo e com limites bem determinados. É, como refere o mesmo, o motor de todo o processo adolescente e a condição para a construção da autonomia.

Também Hoffman (1984) se debruçou sobre esta temática e, baseado na teoria de Blos e na teoria de Mahler relativamente à existência de um segundo processo de separação-individualização e de um processo de separação-individualização na infância, conceptualizou a separação psicológica, avançando com algumas dimensões, segundo o autor, constituintes da mesma. Assim, para este investigador a separação psicológica compreende quatro dimensões, a saber: a *independência emocional*, que remete para uma relativa liberdade em relação à excessiva necessidade de aprovação, apoio emocional e proximidade parental; a *independência ideológica*, que reenvia para uma diferenciação entre o adolescente e os pais

no que diz respeito a valores, crenças e atitudes; a *independência funcional*, que remete para a capacidade do adolescente em gerir e resolver os seus próprios assuntos práticos e pessoais sem necessidade de auxílio dos progenitores; e, por fim, a *independência conflitual*, que se associa à liberdade do adolescente relativamente a sentimentos negativos em relação a ambos os progenitores, tais como sentimentos de culpa excessivos, ressentimento, ansiedade, desconfiança, ira e inibição. Como tal, a separação psicológica pode ser entendida como a aquisição de uma maior independência a vários níveis em relação aos pais sem que surjam sentimentos de culpabilidade, ansiedade, raiva e ressentimento associados à mesma, trata-se de uma liberdade em não depender incondicionalmente da aprovação dos progenitores e em reflectir uma atitude positiva e não culpabilizante em relação ao processo o que permite o estabelecimento de uma relação mais igualitária com os mesmos (Dias, & Fontaine, 2001).

Esta definição remete-nos para uma dimensão interpessoal, bem como para uma perspectiva sistémica, uma vez que só é possível uma resolução da separação psicológica com sucesso sem sentimentos negativos associados se o ambiente assim o permitir, isto é, se pais e filhos conseguirem manter a qualidade da relação. Neste sentido, Hoffman (1984) refere ser fundamental para um ajustamento pessoal saudável que o adolescente se separe psicologicamente de ambos os pais ao mesmo tempo que mantém laços familiares positivos até porque, na sua generalidade, como salientam Dias e Fontaine (2001), os adolescentes que não experienciam sentimentos negativos em relação ao processo de separação são aqueles que mantêm relações mais vinculadas com os pais.

Pode parecer antagónico o que se acabou de descrever, pois se por um lado, se defende a necessidade de separação dos pais, por outro, se fala da necessidade de manter a qualidade das relações, no entanto não o é, uma vez que a separação psicológica não implica uma ruptura de vínculos mas sim alterações adequadas nas relações. O que se espera que aconteça neste período de desenvolvimento não é que ocorram perdas e rupturas, mas sim uma evolução relacional, tal como defende Coimbra de Matos (1986), o adolescente não perde a mãe nem o pai apenas modifica progressivamente a relação que estabelece com eles. «A relação com os pais não é abandonada mas transformada: menos dependente, menos ambivalente, mais simétrica, mais madura, mais compreensiva, menos conflitual» (Matos, 2003, p. 202).

Neste sentido, Fleming (2005) elaborou um modelo relativo ao desenvolvimento psicológico humano normal – Modelo de dupla hélice psicológica – em que associa o

processo de *separação-individação*² e a *vinculação*, de modo a demonstrar a importância da co-evolução destes dois conceitos. A modo descritivo, Fleming (2005) retrata uma hélice psicológica constituída por duas cadeias: uma que representa o grau de *vinculação*, necessidade primária de criar laços afectivos de modo a assegurar a protecção e a segurança, e outra que representa o grau de *separação-individação*, necessidade de não se «fundir» com quem está vinculado. Segundo a autora, estes dois processos encontram-se articulados entre si durante todo o ciclo de vida do sujeito, ganhando configurações diferentes (predominância de um ou de outro processo) consoante o período de desenvolvimento que se impõe e as tarefas que se têm de realizar. Assim, espera-se que na adolescência seja a cadeia de separação-individação que predomine sob a de vinculação, perdendo esta última força atractiva no que confere à necessidade de protecção e controlo parental. No entanto, a vinculação continua a cumprir um papel de grande importância, uma vez que é fulcral que o adolescente usufrua de laços afectivos seguros para poder levar a cabo o seu processo de separação e de individuação, isto porque é a vinculação segura que potencia e torna possível o mesmo. Trata-se portanto de dois conceitos que, em vez de antagónicos, co-evoluem interactivamente, sendo que é a vinculação que potencia a separação-individação e esta, por sua vez, que estimula os laços afectivos.

Este modelo mostra-nos a importância das relações progenitores - adolescente e o impacto e o poder impulsionador ou inibitório que as mesmas podem ter, justificando o facto de ser impossível não dar ênfase aos aspectos relacionais, neste caso, à dinâmica familiar. Já Dias e Fontaine (2001) defendiam que o processo da separação psicológica dos adolescentes dependia em grande medida da dinâmica familiar, salientando o facto de a existência de uma associação entre as dificuldades no processo de separação e individualização e a percepção de uma dinâmica familiar perturbada ser apoiada pela literatura. Como exemplo de famílias com uma dinâmica óptima temos as que conseguem balizar a proximidade, e aqui compreende-se o estabelecimento de vínculos que conferem confiança e segurança, e a separação, capacidade de fomentar a autonomia e a progressiva responsabilização. Contudo existem famílias em que este balanceamento e equilíbrio não é possível, ou devido a vínculos frouxos ou devido a vínculos excessivos, tornando as suas interações autênticos mecanismos de inibição para o processo adolescente. Fleming (2005) retrata estas famílias ao falar dos dois modelos de separação (Modelo centrípeto e Modelo centrífugo) conceptualizados por Stierlin. Temos por

² Embora a autora denomine o processo, ao contrário dos restantes autores, por separação-individação, encontra-se em consenso com os mesmos quanto à significação do conceito. Como tal, utilizaremos ambos os termos - separação-individação e separação-individualização – utilizando um ou outro consoante os autores que nos estejamos a referir.

um lado, as famílias que estabelecem laços ténues, que criam um ambiente de rejeição e tornam a realidade extrafamiliar uma fonte de segurança, e por outro lado, temos as famílias que estabelecem vínculos excessivos, o que as torna captativas, indiferenciadoras (no sentido de não estimularem a autonomia) e estimuladoras de comportamentos regressivos. Tudo leva a crer, que ambos os tipos de família referidos dificultam e não permitem o processo de separação e individualização: a primeira por apenas permitir ao adolescente uma pseudo-autonomia, uma vez que as relações entre pais e adolescente tendem a falhar ao não se estabelecerem vínculos de confiança e segurança, obrigando o adolescente a fazer o movimento familiar/social apenas por este se mostrar mais securizante, o que, eventualmente, vai ser expresso pelo adolescente através da incapacidade para estabelecer relações estáveis, profundas e consistentes; e a segunda por provocar no adolescente, devido a vínculos demasiado fortes, sentimentos de culpa e conflitos de lealdade que não permitem a sua marcha.

Desta forma, consegue-se perceber o papel fundamental que a família cumpre no processo adolescente, passando a autonomia (autonomia psicológica em relação aos pais) a ser vista não apenas como um fenómeno intrapsíquico mas também como um fenómeno interrelacional, na medida em que a autonomia parece ser construída num contexto da redefinição progressiva e da transformação das relações de vinculação do adolescente (Soares e Campos, 1988).

Como tal, é de todo o interesse olhar para o adolescente também de uma perspectiva sistémica, ainda mais, porque o indivíduo não pode ser compreendido se isolado da sua matriz social.

A Família

A Família e as suas propriedades

O indivíduo não é um ser isolado, mas sim um ser que se encontra num contexto em constantes interacções. Como tal, é de extrema importância averiguar o contexto em que o indivíduo se encontra, a sociedade a que pertence, bem como a qualidade, ou falta desta, das relações estabelecidas.

Numa perspectiva sistémica, que se baseia na noção de sistemas e suas propriedades, os comportamentos humanos devem ser abordados através da análise das relações

interpessoais e das normas que regulam os comportamentos dos indivíduos nos grupos significativos, de modo a alcançar uma compreensão desses mesmos comportamentos e uma intervenção mais eficaz (Sampaio in Andolfi, 1981; Relvas, 1996). Um núcleo privilegiado para que estas relações possam ser averiguadas é a família, devendo esta, segundo Sampaio (Andolfi, 1981), ser alvo de intervenção, por um lado, por ser o primeiro representante da sociedade com que nos deparamos e, por outro, por ser de extrema importância os vínculos familiares, estes que mais tarde ou mais cedo, segundo o autor, intervêm no campo da saúde mental.

A família é considerada um sistema entre sistemas, ou seja, enquanto sistema é encarada como um todo que se integra noutros sistemas de contextos mais vastos, como é o caso da sociedade. No entanto, o sistema familiar é igualmente uma hierarquia integrada por totalidades de menor dimensão, os subsistemas (unidades funcionais autónomas), que são originados por «interacções particulares que têm a ver com os indivíduos nelas envolvidos, com os papéis desempenhados e os estatutos ocupados, com as finalidades e objectivos comuns e, finalmente com as normas transaccionais que se vão progressivamente construindo» (Relvas, 1996, p. 13). Isto é, são os papéis, as funções, as normas e os estatutos ocupados pelos indivíduos que definem e delimitam os subsistemas, sendo que a clara delimitação dos mesmos permite aos sujeitos saber o que pode esperar de si, dos outros e o que os outros podem esperar dele (Alarcão, 2006). São vários os subsistemas que se distinguem na família, como é o caso do subsistema parental e do subsistema fraternal, unidades funcionais que agem simultaneamente como totalidades e como partes. Ao falar-se em hierarquia e nos diversos subsistemas familiares surge a necessidade de se falar de uma outra propriedade da família, que é ela, a abertura do sistema e tudo o que a mesma implica. A família é então considerada um sistema aberto uma vez que se encontra rodeada por fronteiras/limites, que Minuchin (1988) considera como regras que definem quem participa e como, que se revelam como membranas semi-permeáveis que permitem a passagem selectiva de informação não só entre outros sistemas e o sistema familiar, como também entre os diversos subsistemas familiares (Relvas, 1996). O grau de abertura dos limites mencionados depende da família e do momento de evolução que a mesma atravessa, ora fechando-se ou abrindo-se (movimentos centrípetos ou centrífugos) de acordo com as suas necessidades e características, isto porque a família, à semelhança de um organismo vivo, sofre um processo de desenvolvimento, em que ocorre evolução e complexificação do seu funcionamento.

Ciclo vital da família

Ao longo da sua história de vida, a organização familiar depara-se com um conjunto de etapas ou períodos de desenvolvimento que devem ser ultrapassados, tornando-se por isso necessário executar algumas tarefas específicas com sucesso para o conseguir. Esta sequência de etapas denomina-se por ciclo vital, este pontuado por momentos de mudanças estruturais (momentos de crises e períodos de transição), em que muitos destes momentos são esperados e por isso mesmo denominados por transições normativas no ciclo evolutivo familiar. Este carácter desenvolvimentista implica mudanças não só na família enquanto grupo mas também mudanças nos seus respectivos membros ao nível funcional, interaccional e estrutural (Relvas, 1996).

Embora a família se depre, nos diversos momentos de transição, com diversas tarefas para executar, nunca perde de vista duas tarefas básicas, o sentimento de pertença ao grupo e a autonomização dos seus membros, de forma «a proteger a integridade do sistema total e a autonomia funcional de suas partes» (Minuchin, 1988, p. 137). Em todas as situações de tensão, sejam elas originadas por mudanças no interior da família (intrasistémicas) ou por mudanças no exterior (intersistémicas), é exigido à família um processo de adaptação, uma modificação nas suas interações, para que a continuidade da família e a mudança dos seus membros seja permitida. Assim, a família pode ser entendida como um sistema aberto em transformação, em contínua relação com o extrafamiliar, que se adapta às diferentes exigências dos estádios de desenvolvimento com que se depara (Minuchin, 1988), sendo contempladas as tarefas de desenvolvimento individuais e grupais, de modo a assegurar a sua continuidade como grupo por um lado, e permitir o crescimento psicossocial dos seus membros, por outro.

É através das transações repetidas que se estabelecem padrões de interação que regulam o comportamento dos vários elementos do núcleo familiar, e a continuidade da família depende, segundo Minuchin (1988), da extensão destes mesmos padrões, da acessibilidade de padrões transaccionais alternativos e da flexibilidade em mobilizá-los quando necessário, isto é, depende da capacidade da família em se adaptar às novas exigências e dar resposta de forma adequada às mesmas (adaptabilidade). Por sua vez, o crescimento psicossocial dos seus membros torna-se possível quando a família é um grupo integrado mas não em demasiada fusão ou dispersão, ou seja é o grau de coesão, que remete para os elos emocionais que os membros da família estabelecem entre si (Olson, 1999), que permite, ou não, simultaneamente, a individualização e o sentimento de pertença. Estas duas

tarefas básicas, continuidade e crescimento, são alcançadas graças ao equilíbrio dinâmico entre duas forças indispensáveis, embora aparentemente contraditórias, que a família possui: a tendência homeostática e a capacidade de transformação. A tendência homeostática é uma qualidade que permite a um sistema conservar-se estável, o que não quer dizer que não permita o crescimento e a mudança, pois trata-se de um estado que apesar de relativamente constante se pode alterar. Trata-se de um mecanismo extremamente importante, sobretudo quando em combinação e equilíbrio com a capacidade de transformação, presente em todas as famílias sejam elas funcionais ou disfuncionais. O sistema familiar oferece resistência à mudança, tentando manter os padrões transacionais habituais desde que possíveis, e por esta razão, tal como avança Sampaio e Gameiro (2005), em alturas de crise, a tendência homeostática predomina momentaneamente.

Momentos de crise

A *noção de crise* aqui mencionada não se prende com uma conotação negativa mas sim com um carácter de mudança, pois refere-se aos momentos em que a mudança é imposta e o stress e o medo do desconhecido provocados. Assim, as etapas de desenvolvimento constituintes do ciclo vital, tais como outros momentos não esperados em que a mudança é exigida (como por exemplo, a morte de um familiar), correspondem a alturas de crise.

É nestas situações de crise que a família se torna mais visível quanto à sua organização, regras de interacção, papéis, fronteiras, etc., tendo em conta a instabilidade e o desequilíbrio momentâneo que é sentido, no entanto, não é obrigatoriamente um momento disruptivo e de impasse, mas pode tratar-se sim de uma condição de criatividade e mudança (Martins, 1990). Já Minuchin (cit. in Relvas, 1996) definia crise como ocasião e risco, ocasião de mudança e risco de patologia e disfuncionamento, mostrando os dois caminhos que uma família pode seguir.

Todas as famílias percorrem um longo caminho, onde se deparam com várias etapas de desenvolvimento e situações de crise inesperadas, estas que impõe a mudança e que causam stress devido à exigência de transformação dos padrões relacionais a que o sistema já se habituou e controla. No entanto, o que as diferencia é a forma como lidam com estas mesmas etapas e situações e como se adaptam às novas exigências. É a flexibilidade, a capacidade para se ajustar às solicitações intra e intersistémicas, o segredo e a condição para alcançar o equilíbrio do sistema, a sua evolução e complexificação. As fronteiras/limites do

sistema familiar devem ser claramente definidas mas também flexíveis, essencialmente nestes períodos de transição e mudança. São as famílias sãs que, embora também elas confrontadas com a ameaça da mudança, apresentam esta flexibilidade que lhes permite alcançar níveis superiores de complexidade. As famílias ditas disfuncionais, não revelam esta flexibilidade e criatividade, pois apresentam uma excessiva abertura ou excessivo fechamento das fronteiras do sistema, aumentam a rigidez dos seus padrões transaccionais e barreiras, resistem a quaisquer exploração de alternativas, provocando o disfuncionamento do sistema que pode levar à patologia de um dos seus membros. É nos momentos de transição e ocasiões de mudança que, tal como foi dito anteriormente, a probabilidade de disfuncionamento familiar, bem como a probabilidade de instalação de um sintoma aumenta. Sintoma que, numa perspectiva sistémica, é encarado como o produto de uma organização familiar disfuncional, uma forma de comunicar que as negociações entre os membros da família falharam, que o novo equilíbrio não foi conseguido e que a família se encontra bloqueada, com dificuldades em ultrapassar a etapa ou situação com que se depara. Assim, como defende Relvas (2005), o sintoma pode ser a porta de entrada para a compreensão da família, tendo em conta que é uma mensagem por ela enviada tanto para o seu interior como para o exterior. O sintoma pode então ser visto como incentivo ao crescimento do sistema familiar, pois é uma forma de provocar a mudança e o equilíbrio pretendido (Andolfi, 1981).

A Adolescência como etapa do ciclo vital da família

A entrada na adolescência dos filhos é considerada por muitos autores como uma das principais fases do ciclo vital de uma família ocidental, e é enquanto período de mudança que a adolescência pode ser encarada como um momento de crise. Este período de desenvolvimento pode ser visto como um momento de crise ao nível familiar mas também ao nível individual na medida em que o ciclo individual e o ciclo de vida familiar se entrelaçam e são interdependentes (Saraceno, 1992). Como tal este período pode, eventualmente, tratar-se de um potencial marcador de problemas desenvolvimentais a estes dois níveis, isto se as tarefas individuais e grupais não forem possíveis.

O adolescente vai adquirindo competências que lhe vão permitir movimentar-se do núcleo familiar para o social, alterar as suas relações com os pais e com os pares, obter a autonomia e a identidade, bem como a mudança do seu estado psicossocial. No entanto, estas aquisições e mudanças individuais só são possíveis se estas competências forem

acompanhadas por mudanças no espaço familiar, se o núcleo familiar também ultrapassar a etapa de desenvolvimento com que, simultaneamente, se depara. As tarefas que o adolescente tem de cumprir nesta fase de desenvolvimento e as exigências que lhe são feitas vai implicar mudanças no seu espaço pessoal mas também na interação com os restantes membros da família, tendo o sistema familiar que avaliar as suas relações e renegociar um novo equilíbrio entre a unidade familiar e o crescimento individual (Castela, 1994). Impõe-se a necessidade de um novo equilíbrio entre o individual, familiar e social, e tal só é possível se a família executar as duas tarefas específicas deste período – a socialização e individualização – funções fundamentais em toda a história da família mas que tem um grande destaque neste período de transição (Relvas, 1996), pois é importante que seja fomentada a integração do jovem no grupo de pares e a sua autonomia. Os sucessivos movimentos do adolescente do social/familiar e familiar/social, bem como os seus avanços e recuos na aquisição da autonomia, embora se tratem de tarefas que o adolescente tem de realizar, são também um grande desafio para a família pois exige-lhe alterações nas transacções pais/criança para pais/adolescente e uma flexibilização dos seus limites ou regras familiares, de modo a mobilizarem padrões interactivos e funcionais alternativos e adequados, mudanças estas nem sempre fáceis de conseguir. Esta mudança ao nível das interacções pais/filhos não implica uma ruptura dos vínculos emocionais, como já foi dito anteriormente, mas é a condição para que pais e filhos progridam e ultrapassem com sucesso as tarefas que lhe são propostas. Segundo Sampaio (2000), é a qualidade dos vínculos emocionais que ligam pais/adolescente e a capacidade dos pais estimularem a separação que permite o adolescente adquirir a sua autonomia. No entanto, não é só o adolescente que procura alcançar a autonomia e a identidade, mas também os seus pais se confrontam com exigências semelhantes, pois impõe-se a necessidade de eles redefinirem as suas relações com o filho adolescente, as suas funções parentais e a necessidade de se centrarem novamente na sua vida conjugal e profissional. Como afirma Fleming (1997), «o cenário onde a mudança ocorre é o cenário familiar, envolvendo pais e filhos numa teia complexa onde a problemática psicológica de ambas as partes, porque ambas a protagonizam, se sobrepõe e se emaranha» (p. 22).

Esta etapa do ciclo vital, em que as tarefas desenvolvimentais individuais e familiares se sobrepõe e impõe e o stress é máximo, pode levar a que alguns pais sintam dificuldades em se adaptar às novas exigências e que alguns adolescentes não se encontrem nas melhores condições para conseguir a mudança (alcançar a sua autonomia e identidade). Nestas situações, como já foi referido anteriormente, quando todas as soluções prévias já falharam e o stress aumenta de uma forma tão intensa que a estabilidade do sistema é fortemente

ameaçada, a mudança é sentida como muito ameaçadora e a sua anulação através da rigidez é a solução muitas vezes encontrada por alguns sistemas familiares (denominados por disfuncionais), o que abre caminho para o mal-estar de um (ou mais) dos seus membros e, conseqüentemente, para a probabilidade de instalação de um comportamento sintomático. Comportamento sintomático que, segundo uma perspectiva sistémica, surge como um meio de expressar o mal-estar sentido e o disfuncionamento instalado, sendo uma tentativa de atingir o equilíbrio até ao momento inalcançável. Neste sentido, a ideação suicida adolescente, se vista como precursor dos comportamentos suicidas, pode ser uma forma de alcançar o equilíbrio, a manutenção do sistema familiar e expressar a necessidade de que ocorram mudanças tanto ao nível individual como familiar, tendo em conta que nas etapas do ciclo vital da família estes dois níveis se intersectam. O estudo efectuado por Algridge e Dallos (1986), que consistia na comparação, em clínicas de terapia familiar num hospital psiquiátrico diurno, de famílias onde existiam comportamentos suicidas (14 famílias) e famílias onde estes comportamentos não foram detectados (6 famílias), vem corroborar com esta ideia. Neste estudo os autores verificaram que as famílias suicidárias apresentavam uma dinâmica familiar específica, em que era visível, nomeadamente, a ameaça de ruptura da família e quebra do equilíbrio do sistema familiar, a tradição familiar de gerir o conflito pela doença de um indivíduo e o comportamento suicida como um movimento estratégico para manter a família unida quando surge uma mudança desenvolvimentista.

Como tal, e uma vez que o número de comportamentos suicidas nesta faixa etária é alarmante, são pertinentes os vários estudos encontrados na literatura que tentam analisar a relação entre a percepção da dinâmica familiar e os fenómenos suicidas na adolescência, sendo a família realçada como um provável factor de risco.

O funcionamento familiar como um possível factor de risco

Definem-se *factores de risco* como sendo “variáveis que precedem o começo de uma disfunção ou outro resultado negativo, e estão associadas com o crescimento da probabilidade de disfunção ou outro resultado negativo, dentro da população” (Wagner, 1997, p. 248).

Diversos factores de risco familiar foram apontados como estando associados à conduta suicida, incluindo perda ou separação parental, stress familiar, distúrbios específicos na comunicação da família, psicopatologias parentais, abuso de substâncias, doença física parental, interações familiares hostis, controladoras e de rejeição e baixos níveis de coesão

(Asarnonow, Brent, & Perper, Pteffer cit. Wagner, 1997; Summerville, Kaslow, & Doepke, 1996).

No entanto, tendo em conta alguma da literatura pesquisada (Bush & Pargament, 1995; Compton, Thompson, & Kaslow, 2005; Kashani, Suarez, Luchene, & Reid, 1998; Madu & Matla, 2004; Payne & Range, 2001; Turner, Kaplan, Zayas, & Ross, 2002), verifica-se a importância da existência, ao nível do funcionamento familiar, de um equilíbrio nas dimensões adaptabilidade e coesão, o que leva a que estes aspectos sejam considerados.

David Olson, Sprenkle e Russell (cit. Maynard & Olson, 1987), desenvolveram o «Modelo Circumplexo de Sistemas Conjugais e Familiares» em que consideram estas duas dimensões – *coesão* e *adaptabilidade* – como as principais componentes de qualquer sistema familiar. A *comunicação* também é uma dimensão considerada pelos autores mas é vista como um facilitador ao movimento das famílias nas outras duas dimensões.

A dimensão *coesão* designa os elos emocionais que os membros da família estabelecem uns com os outros (Olson, 1999) e a dimensão de *adaptabilidade* remete para a capacidade do sistema familiar se reorganizar e dar resposta ao stress provocado pelo desenvolvimento ou por outras situações (Barnes, & Olson, 1985). Deste modo, o foco da coesão centra-se na forma como os sistemas equilibram a sua separação em relação à proximidade e o foco da adaptabilidade incide sobre a forma como os sistemas equilibram a estabilidade face à mudança. Basicamente, a adaptabilidade concentra-se na capacidade de mudança da liderança de uma família, bem como dos seus papéis e regras face às diferentes situações de desenvolvimento ou não.

No «Modelo circumplexo» cada uma destas dimensões é constituída por quatro níveis: na dimensão coesão, dos níveis muito baixos para níveis muito altos, temos as famílias *desagregadas*, as *separadas*, as *ligadas* e as *aglutinadas*; e na dimensão adaptabilidade, dos níveis muito baixos para níveis muito altos, temos as famílias *rígidas*, as *estruturadas*, as *flexíveis* e as *caóticas*. Segundo o Modelo Circumplexo, níveis muito altos e muito baixos de coesão (famílias *aglutinadas* e *desagregadas*) tendem a ser problemáticos para os indivíduos e para o desenvolvimento das suas relações a longo prazo e níveis muito altos e muito baixos de adaptabilidade (*rígidas* e *caóticas*) tendem a ser problemáticos para as famílias quando se movimentam ao longo dos seus ciclos de vida, ao contrário dos sistemas que se encontram na área da coesão equilibrada (*separadas* e *ligadas*), pois são capazes de ser tanto independentes das suas famílias como ligados a elas, e dos sistemas que se encontram na área de adaptabilidade equilibrada (*estruturadas* e *flexíveis*), na medida em que conseguem manter algum nível de estabilidade num sistema ao mesmo tempo que permitem uma abertura a

alguma mudança quando necessário (Olson, 1999).

A combinação destes níveis com as duas dimensões referidas – *coesão* e *adaptabilidade* – torna possível uma tipologia de 16 tipos de famílias específicos, que se podem agrupar em três tipos mais gerais, a saber: equilibradas, médias e extremas. As famílias *equilibradas* são as que expressam um equilíbrio nas duas dimensões consideradas, isto é, apresentam níveis médios. As famílias *médias* apenas apresentam equilíbrio numa das dimensões, encontrando-se a outra dimensão em níveis extremos (muito altos ou muito baixos). Por fim, as famílias *extremas* apresentam níveis muito baixos ou muito altos em ambas as dimensões.

Este Modelo levanta a hipótese de as famílias equilibradas terem mais facilidade em responder às exigências de um modo mais adequado do que as famílias extremas, ou até mesmo, do que as famílias médias, partindo do princípio que estas duas últimas reúnem menos condições para ultrapassar com sucesso as várias etapas do ciclo vital, bem como todos os desafios com que se deparam e que as famílias equilibradas são mais livres para mudar de níveis de coesão e adaptabilidade de modo a ir de encontro às suas necessidades.

Contudo, Olson (1999), tendo em conta a diversidade étnica e cultural, salienta que as famílias que apresentam desequilíbrio não são necessariamente disfuncionais pois isso depende das expectativas normativas dos membros constituintes da mesma. Assim, se as expectativas normativas da família aguentarem os níveis extremos a família poderá operar de uma maneira funcional enquanto todos os membros da família se mostrarem satisfeitos com o seu funcionamento, o que evidencia a necessidade de se ter em conta a satisfação familiar dos seus membros, por exemplo, existem famílias de tradições de grande ligação emocional que contudo revelam uma capacidade adequada em fomentar a autonomia dos seus membros. Como tal, é importante na apreciação da tipologia da família situá-la no seu contexto cultural e na sua história familiar de modo a não correr o risco de rotular as famílias que se encontram nos extremos como entidades próprias e distintas e associá-las de imediato à disfuncionalidade familiar. Ainda mais porque, embora se mostre problemático quando as famílias se encontram presas nos extremos, as famílias equilibradas tipicamente localizadas na região central do modelo podem experimentar extremos por breves períodos de tempo apropriados a certas fases de vida da família, sem que se possa falar de disfuncionalidade (Barnes, & Olson, 1985). A diferença é que, perante alturas de stress (momentos de crise), os sistemas equilibrados, por vezes, tendem a direccionar-se para os extremos para se adaptarem enquanto os sistemas desequilibrados tendem a ficar presos ao seu padrão extremo, o que parece demonstrar que, como defende Minuchin (1988), o termo disfuncionalidade ou

patologia se deve reservar a famílias que face ao stress aumentem a rigidez dos seus padrões transaccionais e resistem a quaisquer exploração de alternativas ficando presas aos extremos e não a famílias que passam pelos extremos para dar resposta às novas situações.

Mesmo assim, as famílias *desagregadas* (dominadas por movimentos centrífugos, com limites excessivamente rígidos no seu interior e difusos com o exterior, poucas trocas afectivas entre os seus elementos e daí o isolamento dos mesmos, sem «vivência de pertença ao conjunto familiar»), as famílias *aglutinadas* (dominadas por movimentos centrípetos e pelo mito da unidade familiar, limites difusos entre os membros e limites rígidos com o exterior que não permitem a individualização dos elementos), as famílias *rígidas* (negociações limitadas, liderança autoritária, baixa capacidade de transformação, regras rígidas e papéis estereotipados), bem como as famílias *caóticas* (liderança limitada ou errática, desorganizada, sem regras pré-estabelecidas, mudanças drásticas de papéis) devem ser objecto da nossa atenção, ainda mais porque os diversos estudos realizados demonstram que a tendência para os extremos de uma ou das duas dimensões têm um peso a considerar nos comportamentos suicidas.

Bush e Pargament (1995) efectuaram um estudo que tinha como objectivo explorar as dimensões familiares, coesão e controlo, das famílias dos pré-adolescentes (7-11 anos) deprimidos, agressivos e isolados socialmente, admitidos na unidade de pacientes internos num hospital pediátrico psiquiátrico durante 8 meses. Verificaram, através de uma entrevista semi-estruturada baseada no Family Adaptability and Cohesion Scale (FACES), que as nove famílias de pré-adolescentes com comportamentos suicidas, possuíam um estilo disciplinar caótico (famílias *caóticas*) bem como um défice nas ligações emocionais (famílias *desagregadas*).

No mesmo sentido, outro estudo de Compton, Thompson e Kaslow (2005) com o objectivo de se centrarem no relacionamento familiar e no suporte social, analisaram uma amostra constituída por 200 pessoas, com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos: 100 pessoas (50 homens e 50 mulheres) que foram vistas por serviços médicos após a tentativa de suicídio e outras 100 (50 homens e 50 mulheres) que não tinham história de comportamentos suicidas mas que procuraram cuidados nesse mesmo hospital. Estes autores, com o auxílio da FACES II, verificaram que, na área do funcionamento familiar, os indivíduos que fizeram tentativas de suicídio relatavam níveis mais baixos de coesão (famílias *desagregadas*) e de adaptabilidade (famílias *rígidas*), o que os levou a concluir que os baixos níveis de funcionamento familiar estavam fortemente associados com as tentativas de suicidio da sua amostra.

Payne e Range (2001) no seu estudo obtiveram resultados semelhantes, ao verificarem, nos 282 adolescentes que observaram (212 raparigas e 70 rapazes, com idades compreendidas entre os 17 e os 23 anos), uma vulnerabilidade ao suicídio mais elevada nos jovens que percepcionavam a sua família como *rígida* e com falta de laços emocionais (*desagregadas*).

Por sua vez, Sampaio e Santos (1997) caracterizam as famílias dos adolescentes com condutas suicidas como famílias rígidas (baixos níveis de adaptabilidade), mas aglutinadas (níveis elevados de coesão).

Parece, tendo em conta os estudos referidos e a literatura pesquisada, que os indivíduos que fazem parte de uma família em que há desequilíbrio nas ou numa das dimensões, coesão ou adaptabilidade, correm um risco de suicídio mais elevado. Porém não é claro, qual os extremos destas duas dimensões que melhor justifica a emergência do sintoma. Visto isto, parece viável partir do princípio de que uma família ao se encontrar num dos extremos, seja ele qual for, de uma ou de ambas as dimensões, contribua para o bloqueio do desenvolvimento individual e grupal e, conseqüentemente, para a manifestação de um sintoma num dos seus membros. Isto porque, tendo em conta a dimensão coesão, tanto as famílias aglutinadas como as famílias desagregadas podem dificultar uma das principais tarefas da adolescência que é a autonomia, bloqueando o adolescente nesta fase de desenvolvimento e, conseqüentemente, a sua família nesta etapa do seu ciclo vital. Pois se por um lado, os membros de uma família aglutinada podem ser prejudicados e levados a renunciar a sua autonomia devido ao sentimento de pertença muito incrementado, por outro lado, os membros de uma família desagregada, apesar de funcionarem aparentemente de forma autónoma podem sentir esta mesma dificuldade, pois carecem de um sentimento de pertença e de lealdade que lhes permita adquirir verdadeiramente a sua autonomia, como avança Alarcão (2006), os membros de uma família desagregada funcionam de forma individualista mas não num registo de verdadeira autonomia mas sim de «cut-off emocional» pois são precocemente expulsos para a vida social sem que tenham sido adequadamente socializados. No fundo, ambos os tipos de família não permitem que o adolescente ultrapasse a tarefa desenvolvimental em causa com sucesso, o que pode levar a que a mesma seja vivida com grande angústia e que provoque no adolescente sentimentos de culpa e conflitos de lealdade que podem provocar ressentimento, inibição, zanga, etc.. A presença ou ausência destes mesmos sentimentos pode ser um indicador do grau de diferenciação de uma família, do poder inibitório ou fomentador que a mesma tem e da forma como a tarefa imposta está a ser vivenciada. Como diz Dias e Fontaine (2001), se o adolescente ao fazer os seus movimentos

de separação parental não sente que os mesmos despertam nele ansiedade associada a sentimentos de culpa, conflitos de lealdade, ressentimento, etc., ele tem uma maior liberdade para levar a cabo com sucesso a exploração de alternativas de vida, o estabelecimento de relações extrafamiliares e sente bem-estar psicológico. Este tipo de sentimentos que podem assaltar o adolescente remete para uma das dimensões da autonomia psicológica dos pais avançada por Hoffman (1984), também constituinte do seu instrumento de medida Psychological Separation Inventory (PSI) – a dimensão conflitual – o que parece ser uma forma de averiguar como a separação psicológica está a ser vivenciada pelo adolescente.

Assim, face à revisão da literatura feita e partindo da hipótese de que a ideação suicida é uma forma de expressar o fracasso ao nível familiar e ao nível individual, pareceu-nos pertinente levar a cabo este estudo empírico que pretende averiguar a relação do funcionamento familiar e o grau de autonomia (autonomia psicológica em relação aos pais) com a ideação suicida. Este estudo pretende contribuir com mais informação e tentar responder a questões que a revisão de literatura se revelou limitada ou até mesmo contraditória, como é o caso de algumas incongruências verificadas no que diz respeito ao funcionamento familiar, relativamente às características da família (tendo em conta as dimensões coesão e adaptabilidade familiar) que melhor justificam a emergência do sintoma. Embora, em Portugal sejam muitos os autores que se debruçam sobre estas questões separadamente, não são muitos os que tentam perceber as suas ligações, como tal, este estudo parece ser uma forma de ampliar, em certa medida, o conhecimento já existente.

II – OBJECTIVOS E HIPÓTESES DO ESTUDO

Este estudo tem como objectivo geral averiguar de que forma as questões da autonomia (o estudo do processo de construção da autonomia que, no âmbito deste estudo, se relaciona com o processo de separação psicológica relativamente aos pais) e o funcionamento familiar (tendo em conta as dimensões coesão e adaptabilidade) podem ter influência nos adolescentes com diferentes níveis de ideação suicida.

Neste sentido, pretendeu-se verificar **1)** a forma como os adolescentes com níveis mais baixos e mais altos de ideação suicida percebem o funcionamento da sua família **2)** o grau de resolução da separação psicológica dos adolescentes em relação aos pais (autonomia psicológica dos pais) nas suas diversas dimensões: emocional, ideológica, conflitual e funcional **3)** se o grau de resolução de separação psicológica dos pais e o funcionamento familiar estão associados à ideação suicida **4)** a relação entre a percepção da qualidade do funcionamento familiar e a resolução da tarefa desenvolvimental, neste caso, a separação psicológica dos pais.

A partir da hipótese do Modelo circunplexo, conceptualizado por Olson (1999), de que as famílias *Equilibradas* têm mais facilidade em responder às exigências de um modo mais adequado, reunindo mais condições para ultrapassar com sucesso as várias etapas do ciclo vital do que as famílias *Extremas* e *Médias* e de que as dificuldades nestas mesmas etapas podem levar ao disfuncionamento familiar e conseqüentemente ao surgimento de um sintoma, colocou-se a seguinte hipótese:

1. As famílias que apresentam um desequilíbrio nas ou numa das dimensões coesão e adaptabilidade familiar são constituídas por adolescentes com níveis de ideação suicida mais elevados e as famílias que não apresentam desequilíbrio em nenhuma das dimensões são constituídas por adolescentes com níveis mais baixos de ideação. Assim, as famílias consideradas Médias ou Extremas são constituídas por adolescentes com níveis de ideação mais elevados do que as famílias consideradas Equilibradas em que níveis de ideação suicida serão mais baixos.

Partindo-se da hipótese de o sintoma surgir como uma forma de expressar um fracasso ao nível individual, na medida em que surge devido a dificuldades ou até mesmo ao bloqueio do processo adolescente colocou-se as seguintes hipóteses de investigação:

2. Os adolescentes com uma menor separação psicológica dos pais apresentam níveis de ideação suicida mais elevados do que os adolescentes em que se verifica uma maior separação psicológica.
3. Os adolescentes com mais dificuldades na resolução de separação psicológica em relação aos pais, expresso por uma maior dependência conflitual, revelam níveis de ideação suicida mais elevados.

Ao olhar para o processo da separação psicológica (autonomia psicológica dos pais) dos adolescentes como dependente, segundo Dias e Fontaine (2001), da dinâmica familiar, uma vez que a autonomia é construída num contexto de redefinição progressiva e de transformação das relações de vinculação do adolescente (Soares e Campos, 1988), percebe-se o impacto e a influência que o funcionamento familiar tem no processo adolescente e como este último depende da capacidade da família em dar respostas adequadas face às diferentes situações, o que deu origem à seguinte questão de investigação:

- Será que o tipo de funcionamento familiar influencia a resolução da separação psicológica do adolescente relativamente aos progenitores?

III – MÉTODO

Design e Participantes

De forma a compreender a potencial relação existente entre o grau de autonomia (separação psicológica), o funcionamento familiar e a ideação suicida optou-se, neste estudo, por recorrer à metodologia comparativa e a um plano de observação transversal.

Participaram, nesta investigação, 311 adolescentes estudantes, de ambos os géneros e com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, de uma Escola Secundária da Grande Lisboa. Estes adolescentes foram sujeitos a uma selecção que obedeceu a um conjunto de critérios de inclusão e de exclusão pré-definidos, o que resultou na exclusão de 22 dos adolescentes convidados a participar no estudo devido a: darem duas respostas a um mesmo item em inúmeras situações, por não responderem a diversos itens ao longo do questionário ou por não responderem aos itens referentes à mãe ou ao pai no questionário que remete para a autonomia, devido ao falecimento do progenitor ou por não estabelecerem contacto com o mesmo.

Deste modo, os sujeitos que reuniram os pré-requisitos para serem admitidos neste estudo foram 289 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos (Idade média = 16,07; SD = 0,70), 147 do género masculino e 142 do género feminino. Destes adolescentes, 32 adolescentes têm 14 anos, 66 têm 15 anos, 69 têm 16 anos, 95 têm 17 anos, 25 têm 18 anos e, por fim, 2 têm 19 anos, tal como podemos ver na tabela que se segue.

Tabela 1 – Distribuição dos sujeitos por idade e sexo.

Idade	Género		Total
	Feminino	Masculino	
14	15	17	32
15	38	28	66
16	37	32	69
17	47	48	95
18	10	15	25
19	0	2	2
Total	147	142	289

Como podemos observar na tabela 2, estes adolescentes frequentavam o ensino básico (9º ano) e secundário (10º, 11º e 12º ano), 68 frequentavam o 9ºano, 73 o 10ºano, 74 o 11ºano e 74 o 12º ano, como podemos.

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos por ano de escolaridade e sexo.

Escolaridade	Género		Total
	Feminino	Masculino	
<i>9º ano</i>	36	32	68
<i>10ºano</i>	37	28	73
<i>11ºano</i>	40	34	74
<i>12ºano</i>	34	40	74
Total	147	142	289

Relativamente ao agregado familiar, 82,4 % dos adolescentes viviam com os pais, 16,3% viviam com a mãe, 0,3 % viviam com o pai e 1% com outros. A maioria dos pais destes adolescentes encontram-se casados, 83,2%, sendo que 14% encontravam-se separados, 1,4% solteiros e 1,4% dos pais eram viúvos.

Instrumentos

Os instrumentos escolhidos

Como já foi supra referido, o estudo em questão teve como objectivo incidir no grau de autonomia (separação psicológica) e no funcionamento familiar, variáveis com um grande peso na adolescência, e na relação que estas mesmas variáveis estabelecem com a ideação suicida dos adolescentes. Para atingir este objectivo procedeu-se à escolha de instrumentos que melhor conseguissem medir as variáveis pretendidas. Deste modo, optou-se por utilizar três instrumentos específicos, a saber: o Questionário de Ideação Suicida (Q.I.S.) (Ferreira, & Castela, 1999), a Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar (versão portuguesa baseada no Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – FACES III – desenvolvido por Olson, Portner, & Lavee, 1985) e o Inventário de Separação Psicológica (versão portuguesa baseada no Inventário de Separação Psicológica, I.S.P., de Almeida, Dias, & Fontaine, 1996), sendo que cada um deles mede, isoladamente, uma das variável

pretendidas (por ordem, a ideação suicida, o funcionamento familiar e a autonomia).

Contudo, antes de se proceder à aplicação propriamente dita, foi necessário adaptar-se dois dos instrumentos escolhidos de modo a se tornarem adequados à população incidente. Assim, num primeiro passo, fez-se uma tradução do Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale III (FACE III) para português, seguida de alterações necessárias, e efectuou-se algumas alterações no Inventário de Separação Psicológica de Almeida, Dias e Fontaine (1996), para, por um lado, garantir uma compreensão unívoca dos seus itens e, por outro, tornar a escala adequada à população adolescente. Este último instrumento dirigia-se a uma população com idade superior à amostra do presente estudo, como tal foi necessário efectuar algumas alterações ao nível da linguagem, de conceitos e uma redução no número de itens (em algumas dimensões – ideológica e funcional) para que fosse possível, tal como foi referido anteriormente, assegurar a compreensão unívoca e a adequação dos itens para a faixa etária pretendida.

A Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar (adaptação portuguesa do FACE III) e o Inventário de Separação Psicológica (adaptação portuguesa do ISP) foram ainda aplicados a um pequeno grupo de adolescentes entre os 14 e os 17 anos de idade para que fosse possível um estudo preliminar de reflexão falada junto da amostra referida, de modo a melhorá-los, detectando as suas deficiências e limitações. Nesta aplicação, considerada como um pré-teste, para além das instruções que constavam no instrumento, foi frisado: 1) o anonimato e a confidencialidade dos resultados; 2) o objectivo da aplicação, isto é, a adequação do instrumento a adolescentes portugueses; 3) e a necessidade de responderem de forma sincera.

Só após se ter realizado este pré-teste e de se ter efectuado as alterações vistas como necessárias é que se deu os instrumentos como adequados à população em causa.

Estes foram os instrumentos escolhidos para analisar as três grandes áreas focadas por esta investigação e é através dos mesmos que vamos obter a percepção dos adolescentes relativamente a estes três conceitos. Optamos, neste trabalho, por incidir na percepção dos sujeitos, não só para ultrapassar obstáculos metodológicos mas também porque mais importante do que verificar como é a realidade do adolescente é perceber como o adolescente sente e vê essa mesma realidade.

Questionário de Ideação Suicida

O instrumento de medida utilizado para averiguar a gravidade dos pensamentos

suicidas nos adolescentes, permitindo assim uma despistagem de adolescentes com ideação suicida em ambiente escolar, foi o Q.I.S., traduzido e adaptado por Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela em 1993/94, uma versão revista do Suicide Ideation Questionnaire. Este questionário é constituído por 30 itens, aos quais são fornecidas sete respostas alternativas – nunca, quase nunca, raramente, às vezes, frequentemente, quase sempre e sempre – sendo cada item cotado de 0 a 6. Deste modo, a pontuação que é possível obter neste questionário vai de 0 a 180 pontos, sendo que quanto maior o escore obtido maior a frequência de cognições suicidas e vice-versa. O questionário tem itens do tipo “Pensei suicidar-me” e “Pensei na morte”.

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão familiar

Optou-se por utilizar o Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale III (FACES III⁽¹⁾) como base para a construção de um novo instrumento pelo mesmo conseguir averiguar a percepção destes jovens do funcionamento das suas famílias, tendo em conta a coesão e adaptabilidade. Assim, o instrumento baseia-se no FACE III, que por sua vez tem por detrás uma base conceptual que assenta no Modelo Circumplexo que permite discriminar diferentes tipos de famílias, tendo em conta as duas dimensões referidas, tornando possível averiguar o tipo de família a que o adolescente pertence, bem como averiguar se esta tipologia influencia a variável dependente em causa, neste caso, a ideação suicida, característica que ganha uma importância especial nesta investigação. Na dimensão coesão, é possível distinguir quatro tipos de famílias, a saber, dos níveis muito baixos para níveis muito altos: *desagregadas, separadas, ligadas e aglutinadas*. Na dimensão adaptabilidade, é igualmente possível distinguir quatro tipos de famílias, dos níveis muito baixos para níveis muito altos: *famílias rígidas, estruturadas, flexíveis e caóticas*.

Relativamente ao novo instrumento, a Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão familiar é constituída por 20 itens que remetem para as dimensões coesão e adaptação familiar. É obtido um valor para a dimensão coesão através do somatório global dos itens ímpares e um valor para a dimensão adaptabilidade através do somatório dos itens pares. São fornecidas várias possibilidades de resposta, a saber: nada frequente, pouco frequente, nem muito nem pouco frequente, frequente e muito frequente relativamente, sendo cada item cotado de 1 a 5 valores em ambas as situações. Deste modo, é possível obter uma pontuação

⁽¹⁾ Escala da autoria de David Olson, Joyce Portner e Yoav Lavee (1985).

de 10 a 50 em cada dimensão. A escala tem itens do tipo “As pessoas da minha família aprovam os amigos uns dos outros” e “Na minha família os pais e os filhos falam sobre os castigos em conjunto”.

Avaliação da Separação Psicológica

Versão do ISP

Optou-se por adaptar o *Inventário de Separação Psicológica* de Almeida, Dias, & Fontaine (1996), uma adaptação do Psychological Separation Inventory (PSI) desenvolvido por Hoffman, à nossa população por este se tratar de um questionário que serve o nosso objectivo, na medida em que permite avaliar a separação psicológica em relação aos progenitores (a autonomia psicológica em relação aos pais).

Após as alterações necessárias e depois de se encontrar adaptado à população adolescente, o nosso instrumento passou a ser constituído por 78 itens, em que 39 itens referem-se à mãe e os outros 39 itens idênticos referem-se ao pai. Itens estes que remetem para quatro escalas de independência – independência emocional, ideológica, conflitual e funcional – sendo que a escala ideológica passou a ser constituída por 18 itens e a funcional por 16, mantendo-se os 22 itens da escala emocional e da escala conflitual, não esquecendo o facto de metade dos itens remeterem para a mãe e outra metade para o pai em cada uma das respectivas escalas.

A escala relativa à independência emocional constituída pelos 22 itens remete para uma espécie de liberdade por parte dos jovens em relação à necessidade excessiva de aprovação, proximidade e apoio emocional dos pais (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). A escala de independência ideológica constituída pelos 18 itens, remete para uma diferenciação entre pais e adolescentes relativamente a valores, crenças e atitudes (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). A escala de independência conflitual da qual fazem parte 22 itens, refere-se à liberdade em relação a uma excessiva culpa, ansiedade, responsabilidade, ressentimento, inibição e raiva em relação aos pais (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). Por fim, a escala de independência funcional constituída por 16 itens, é designada pela capacidade de tratar dos seus próprios assuntos sem o auxílio do pai ou da mãe (Almeida, Dias, & Fontaine, 1996). Os itens destas escalas encontram-se no questionário intercalados, um item da escala emocional, um da escala ideológica, um da escala conflitual e um da escala funcional e assim sucessivamente.

Neste novo instrumento, decidiu-se considerar, ao contrário de Dias e Fontaine (2001) (autores da adaptação PSI/ISP) que facultaram quatro, cinco modalidades de resposta para que os adolescentes tivessem mais possibilidades de resposta, a saber: discordo inteiramente, discordo, nem concordo nem discordo, concordo e concordo inteiramente, em que o valor 1, 2, 3, 4 e 5 correspondem, respectivamente, a cada uma destas respostas. É feito o somatório dos itens correspondentes a cada escala e obtido um valor global para cada uma delas, que varia entre 22 (valor mínimo) e 110 (valor máximo) no caso da escala emocional e conflitual, entre 18 (valor mínimo) e 90 (valor máximo) na escala ideológica e entre 16 (valor mínimo) e 80 (valor máximo) na escala funcional. Deste modo, o grau de independência é tanto maior quanto menor o valor global.

Este inventário tem itens do género “A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim” (escala emocional), “As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe” (escala ideológica), “Fico irritado (a) quando o meu pai me critica” (escala conflitual) e “Às vezes penso que sou muito agarrado (a) ao meu pai” (escala funcional).

Procedimento

Para ser possível a participação destes adolescentes e a respectiva recolha de dados (esta conseguida através da aplicação de três questionários de auto-preenchimento), teve que se pedir uma autorização à direcção da Escola Secundária frequentada por estes alunos. Foi entregue nas escolas, após um contacto pessoal onde foram dados alguns esclarecimentos ao nível dos objectivos, amostra e instrumentos a utilizar, um termo de consentimento informado explicitando o objectivo do trabalho. Após a obtenção da devida autorização, foi programado com a presidente do conselho executivo e com um docente responsável por estas iniciativas o modo como se iria proceder a recolha de dados. Foi este último que assegurou o contacto com os professores de modo a tornar possível a estipulação das turmas participantes e os horários de aplicação. Foram então seleccionadas 13 turmas (três do 9º, três do 10º, três do 11º e quatro do 12º ano) às quais, após os adolescentes terem aceite participar no estudo, foram aplicados os questionários em horário escolar (em tempo de aulas cedido pelos docentes: +/- 45 min.) e nas instalações da respectiva Escola Secundária.

Antes da devida aplicação foram esclarecidos alguns pontos: 1) os objectivos do trabalho e o fim a que se destinava; 2) a garantia da confidencialidade e do anonimato; 3) a importância de responderem de forma espontânea e sincera; 4) e a importância de

responderem aos itens individualmente e de forma sequencial. Após estes esclarecimentos, procedeu-se à distribuição dos instrumentos de auto-preenchimento, estes que compreendiam quatro versões que eram distribuídas pelos adolescentes de forma aleatória, de forma a evitar enviesamentos nos resultados. As quatro versões mencionadas eram constituídas pelos instrumentos nomeados mas de forma alternada: versão I – Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar / I.S.P. (mãe/pai) / Q.I.S.; versão II - I.S.P. (mãe/pai) / Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar / Q.I.S.; versão III - Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar / I.S.P.(pai/mãe) / Q.I.S.; versão IV - I.S.P.(pai/mãe) / Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar / Q.I.S. (vd. ANEXO II).

Depois da aplicação dos instrumentos os participantes eram dispensados com os devidos agradecimentos, ressalvando, por vezes, o facto de constar nos questionários alguns contactos a que eles poderiam ter acesso em caso de necessidade.

Numa fase posterior, após o levantamento de todos os dados, passou-se à análise dos resultados cedidos pelos instrumentos através da análise estatística (utilizando o programa SPSS 15.0).

IV – Tratamento Estatístico

Antes de mais, averiguaram-se as características psicométricas dos instrumentos de medida através do KMO, do teste de esfericidade de Bartlett e do alpha de Cronbach (α) (como podemos ver mais em pormenor no Anexo I) de modo a determinar a confiança com que os resultados do estudo podem ser interpretados.

Posteriormente realizámos um conjunto de análises estatísticas para analisar as hipóteses. Optou-se por analisar os dados recolhidos neste trabalho de investigação através de testes de estatística não paramétricos, porque se verificou no Teste de Kolmogorov-Smirnov ($p = 0,00 < 0,05$) a ausência de uma distribuição normal na população utilizada.

Deste modo para respondermos à hipótese 1 e à questão de investigação recorreremos ao teste não paramétrico de kruskal-Wallis usando-se uma probabilidade de erro tipo I (alpha de 0,05), seguido do teste Mann-Whitney para um alpha de 0,02 (correção de Bonferroni) e para respondermos à hipótese 2 e 3 recorreremos ao teste de Spearman.

Para uma melhor interpretação e análise dos dados os mesmos irão ser apresentados em quadros, estes acompanhados pela sua análise descritiva e estatística.

Apresentação dos resultados

Antes de respondermos às hipóteses deste trabalho procedeu-se à categorização das famílias percepcionadas consoante o grau de coesão (famílias Desagregadas, Separadas, Ligadas e Aglutinadas) e o grau de adaptabilidade (Rígidas, Estruturadas, Flexíveis e Caóticas), tal como nos sugere o modelo conceptual no qual nos baseamos. Para que esta categorização fosse conseguida recorreremos aos percentis, sabendo à partida que: no caso da coesão, as famílias podiam ser caracterizadas de, dos níveis muito baixos para os níveis muito altos, Desagregadas, Separadas, Ligadas e Aglutinadas e que no caso da adaptabilidade as famílias poderiam ser caracterizadas por, dos níveis muito baixos para os níveis muito altos, Rígidas, Estruturadas, Flexíveis e Caóticas. Decidiu-se contudo ter em conta apenas 3 tipos de família em cada uma destas dimensões, na coesão passou-se a admitir a existência de famílias Desagregadas, Separadas/Ligadas e Aglutinadas e na adaptabilidade passou-se a admitir a existência de famílias Rígidas, Estruturadas/Flexíveis e Caóticas (Anexo III – Output 1). Assim, optou-se por ter em conta apenas as famílias que expressavam níveis extremos e intermédios (juntando-se as famílias que possuíam níveis intermédios). Posteriormente

procedeu-se à caracterização da família em termos gerais, resultante da combinação das duas dimensões aqui consideradas (coesão e adaptabilidade), passando a falar-se de famílias:

- Equilibradas (que apresentam níveis médios em ambas as dimensões) que são constituídas pelas famílias Separadas/Ligadas e Estruturadas/Flexíveis;
- Médias (que apresentam níveis médios numa dimensão e níveis extremos na outra) que podem ser constituídas pelas famílias Desagregadas e Estruturadas/flexíveis, Aglutinadas e Estruturadas/flexíveis, Rígidas e Separadas/Ligadas ou pelas famílias Caóticas e Separadas/Ligadas.
- Extremas (que apresentam níveis extremos em ambas as dimensões) que podem ser constituídas por famílias Desagregadas e Rígidas, Aglutinadas e Rígidas, Desagregadas e Caóticas ou por famílias Aglutinadas e Caóticas.

Começaremos por responder à *hipótese 1* do nosso estudo:

“As famílias que apresentam um desequilíbrio nas ou numa das dimensões coesão e adaptabilidade familiar são constituídas por adolescentes com níveis de ideação suicida mais elevados e as famílias que não apresentam desequilíbrio em nenhuma das dimensões são constituídas por adolescentes com níveis mais baixos de ideação. Assim, as famílias consideradas Médias ou Extremas são constituídas por adolescentes com níveis de ideação mais elevados do que as famílias consideradas Equilibradas em que níveis de ideação suicida serão mais baixos.”

Como se pode observar neste quadro:

Quadro 1 – Médias da caracterização da família na Ideação Suicida.

Caracterização geral	\bar{X}
Equilibradas	145,33
Médias	158,44
Extremas	129,52

O tipo de funcionamento familiar tem um efeito estatisticamente significativo sobre os

níveis de ideação (χ^2 KW (2) = 6,567; $p = 0,038$). Verifica-se que as diferenças estatisticamente significativas na ideação suicida ocorrem entre as famílias Médias e Extremas ($p = 0,012$), não se verificando diferenças significativas entre as famílias Equilibradas e Médias ($p = 0,271$) nem entre as famílias Equilibradas e Extremas ($p = 0,197$). Assim, as famílias Médias são constituídas por adolescentes com níveis mais altos de ideação suicida do que as famílias Extremas em que os níveis ideação suicida são mais baixos. Deste modo, percebe-se que os nossos resultados não confirmam a nossa hipótese.

Deste modo, percebemos ser interessante averiguar mais uma vez a influência do funcionamento familiar nos níveis de ideação suicida mas agora tendo em conta a caracterização da família relativamente às dimensões coesão e adaptabilidade separadamente, no sentido de enriquecermos este trabalho e como tentativa de perceber a razão da infirmação da hipótese.

Começaremos por olhar para a dimensão *Coesão*:

Observando o quadro 2:

Quadro 2 – Médias da caracterização da família segundo a dimensão Coesão na Ideação Suicida.

Coesão	\bar{X}
Desagregadas	169,00
Separadas/Ligadas	149,71
Aglutinadas	114,59

Verificamos que o funcionamento familiar ao nível da coesão influencia os níveis de ideação suicida (χ^2 KW (2) = 18,874; $p = 0,000$) e que é entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p=0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p=0,002$) que se verificaram diferenças estatisticamente significativas, o mesmo não acontecendo entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,084$). Como tal, pode-se dizer que as famílias Desagregadas e, até mesmo, as famílias Separadas/Ligadas são constituídas por adolescentes com níveis mais altos de ideação suicida do que as famílias Aglutinadas em que se encontram níveis mais baixos de ideação suicida.

Olhando agora para a dimensão *Adaptabilidade*:

Quadro 3 – Médias da caracterização da família segundo a dimensão Adaptabilidade, na Ideação Suicida.

Adaptabilidade	\bar{X}
Rígidas	150,11
Estruturadas/Flexíveis	152,72
Caóticas	124,59

Verifica-se que o funcionamento familiar não influencia os níveis de ideação suicida (χ^2 KW (2) = 5,774; $p = 0,056$), o que nos permite inferir que os tipos de família, quanto a esta dimensão, não influenciam significativamente a ideação suicida.

Perante os nossos resultados sentiu-se necessidade de averiguar se a constituição das famílias Médias e Extremas estava relacionada com a influência que tinham na ideação suicida.

Para tal, começamos por analisar como as categorias da *coesão* se distribuem pelos três tipos de família: Equilibradas, Médias e Extremas.

Quadro 4 – Frequências do tipo de famílias ao nível da Coesão relativamente à caracterização da família em termos gerais.

Caracterização geral	Coesão		
	Desagregadas	Separadas/Ligadas	Aglutinadas
Equilibradas	0	69	0
Médias	41	48	28
Extremas	45	0	58

E de seguida como as categorias da *adaptabilidade* se distribuíam pelos mesmos três tipos de famílias acima referidos:

Quadro 5 – Frequências do tipo de famílias ao nível da Adaptabilidade relativamente à caracterização da família em termos gerais.

Caracterização geral	Adaptabilidade		
	Rígidas	Estruturadas/Flexíveis	Caóticas
Equilibradas	0	69	0
Médias	31	69	17
Extremas	48	0	55

Como se pode observar nos quadros 4 e 5, verifica-se que as famílias Médias (N = 117) apresentam mais desequilíbrio ao nível da coesão pois são constituídas por 48 famílias Separadas/Ligadas (nível médio Coesão) e por 69 Estruturadas/Flexíveis (nível médio adaptabilidade). Verificamos ainda que as famílias Médias são mais representadas por famílias Separadas/Ligadas e famílias Desagregadas ao nível da coesão e por famílias Estruturadas/Flexíveis e Rígidas ao nível da adaptabilidade.

Quanto às famílias Extremas, que apresentam desequilíbrio em ambas as dimensões (coesão e adaptabilidade), verifica-se que as famílias que mais a representam são as famílias Aglutinadas ao nível da coesão e as famílias Caóticas ao nível da adaptabilidade.

Deste modo, verifica-se que a constituição das famílias Médias e Extremas estão relacionadas de certa forma com a influência que exercem na ideação suicida, uma vez que são as famílias Desagregadas e as Separadas/Ligadas, constituídas por adolescentes com níveis de ideação suicida mais elevados, as que mais representam as famílias Médias e que são as famílias Aglutinadas, constituídas por adolescentes com níveis de ideação mais baixos, as que mais representam as famílias Extremas.

Por esta razão passou-se a ter em conta, nas hipóteses e questão posteriores, a categorização da família ao nível da coesão e adaptabilidade separadamente, de modo a se conseguir obter mais informação.

Seguidamente passamos a analisar a *hipótese 2*:

“Os adolescentes com uma menor separação psicológica dos pais (pai e mãe separadamente) apresentam níveis de ideação suicida mais elevados do que os adolescentes em que se verifica uma maior separação psicológica.”

Começemos por analisar a separação psicológica do adolescente no que diz respeito ao *pai*:

Quadro 6 – Correlações de Spearman entre as dimensões do Inventário de Separação Psicológica (ISP) relativas ao pai e a Ideação Suicida.

Inventario de Separação Psicológica	Ideação Suicida
Emocional	- 0,088
Ideológica	- 0,21**
Conflitual	0,28**
Funcional	- 0,17*

Nota: * Correlações significativas a $p < 0,05$.

** Correlações significativas a $p < 0,01$.

Com a análise dos dados do quadro, pode-se verificar que a dimensão *Emocional* não apresenta uma correlação significativa com os níveis de ideação suicida. No que diz respeito à dimensão *Conflitual*, pode-se apurar que esta se correlaciona positivamente com os níveis de ideação suicida. Por fim, verifica-se que as dimensões *Ideológica* e *Funcional* se correlacionam negativamente (de forma significativa) com os níveis de ideação suicida.

Assim sendo, os resultados sugerem que os adolescentes mais dependentes ao nível ideológico e funcional são os que, com maior probabilidade, apresentam níveis mais baixos de ideação suicida, e que, por outro lado, são os adolescentes mais dependentes ao nível Conflitual os que apresentam níveis mais altos de ideação. Não se verificando qualquer relação entre a dimensão Emocional e os níveis de ideação suicida.

Passamos agora a analisar a Separação Psicológica no que diz respeito à *mãe*:

Quadro 7 – Correlações de Spearman entre as dimensões do Inventário de Separação Psicológica relativas à mãe e a Ideação Suicida.

Inventario de Separação Psicológica	Ideação Suicida
Emocional	0,16
Ideológica	- 0,102
Conflitual	0,29**
Funcional	0,12*

Nota: * Correlações significativas a $p < 0,05$.

** Correlações significativas a $p < 0,01$.

Com base no quadro podemos verificar que as dimensões *Emocional* e *Ideológica* não se correlacionam significativamente com os níveis de ideação suicida mas que, em contrapartida, as dimensões *Conflitual* e *Funcional* apresentam uma correlação significativa positiva com os níveis de ideação suicida.

Podemos então concluir, que quanto mais dependentes são os adolescentes ao nível Conflitual e Funcional mais elevados são os níveis de ideação suicida que apresentam e que, por sua vez, quanto menos dependentes são, menores serão os seus níveis de ideação.

Agora passaremos à análise da *hipótese 3*:

“Os adolescentes com mais dificuldades na resolução de separação psicológica em relação aos pais, expresso por uma maior dependência conflitual, revelam níveis de ideação suicida mais elevados.”

Para dar resposta a esta hipótese baseámo-nos no quadro 6 e 7 e admitimos que as dificuldades na resolução de separação psicológica eram expressas por uma maior dependência Conflitual e logo por mais conflitos na relação.

Assim, podemos inferir que, tal como defende a nossa hipótese, são os adolescentes que revelam mais dificuldades na resolução da separação psicológica em relação ao pai e à mãe, os mais dependentes ao nível Conflitual, os que apresentam níveis mais elevados de ideação suicida e que são os que têm menos dificuldades, menos dependentes, os que níveis mais baixos de ideação apresentam, na medida que verificamos uma correlação significativa

positiva entre a dimensão Conflitual e a ideação, tanto no que diz respeito ao pai como no que diz respeito à mãe.

Pretendemos ainda analisar a seguinte *questão de investigação*:

“Será que o tipo de funcionamento familiar influencia a resolução da separação psicológica do adolescente relativamente aos progenitores?”

Para tal analisou-se as diferenças entre os tipos de funcionamento familiar ao nível da Coesão e Adaptabilidade (separadamente) nas várias dimensões do ISP relativas ao pai e à mãe.

Inicialmente começou-se por averiguar as dimensões do ISP que remete para o *pai* e o funcionamento familiar no que diz respeito à dimensão *Coesão*.

Com o auxílio do quadro 8, verificámos que:

Quadro 8 – Médias da caracterização da família ao nível da dimensão Coesão nas dimensões do ISP que remete para o pai.

Coesão	\bar{X}			
	Emocional	Ideológica	Conflitual	Funcional
Desagregadas	96,69	106,81	173,26	102,59
Separadas/Ligadas	150,06	149,58	147,08	149,48
Aglutinadas	186,44	176,96	113,92	181,31

O funcionamento da família ao nível da Coesão teve um efeito estatisticamente significativo sobre a dimensão *Emocional* que remete para o pai (χ^2 KW (2) = 50,380; $p = 0,000$), tendo-se verificado ainda que as diferenças estatisticamente significativas ocorrem entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,000$), entre as famílias Desagregadas e as Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e as Aglutinadas ($p = 0,001$). Deste modo, pode-se dizer que as famílias Aglutinadas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível Emocional do que as famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que as famílias Desagregadas, estas últimas constituídas

por adolescentes menos dependentes a este nível.

Relativamente à dimensão **Ideológica**, verificou-se que o funcionamento da família ao nível da Coesão tem influência sobre a mesma (χ^2 KW (2) = 30,979; $p = 0,000$), tendo-se verificado que as diferenças estatisticamente significativas ocorrem entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,000$), entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,015$). Com base no exposto e nos dados alcançados podemos inferir que as famílias Aglutinadas são constituídas por adolescentes mais dependentes a este nível do que as famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que as famílias Desagregadas em que os adolescentes se revelam menos dependentes.

Tendo em conta os dados obtidos verificou-se também que o funcionamento familiar influencia a dimensão **Conflitual** (χ^2 KW (2) = 21,831; $p = 0,000$), e que as diferenças significativas ocorrem entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$), entre famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,003$) e entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,018$). Assim, podemos inferir que as famílias Desagregadas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível Conflitual e portanto menos independentes a este nível do que os das famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que os das famílias Aglutinadas que se revelam menos dependentes (maior independência Conflitual).

Podemos ainda verificar que o funcionamento familiar ao nível da Coesão tem um efeito estatisticamente significativo na dimensão **Funcional** (χ^2 KW (2) = 38,840; $p = 0,000$) e que as diferenças significativas se encontram entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,000$), entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,005$). Como tal, pode-se dizer que as famílias Aglutinadas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível funcional do que as famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que as famílias Desagregadas, estas constituídas por adolescentes menos dependentes.

Ainda no que diz respeito ao *pai*, averiguou-se as dimensões do ISP e o funcionamento familiar mas, desta vez, no que diz respeito à dimensão *Adaptabilidade*.

Observando o quadro, verificamos que:

Quadro 16 – Médias da caracterização da família ao nível da dimensão Adaptabilidade nas dimensões do ISP que remete para o pai.

Adaptabilidade	\bar{X}			
	Emocional	Ideológica	Conflitual	Funcional
Rígidas	121,62	111,09	168,54	121,53
Estruturadas/Flexíveis	147,95	151,58	144,77	143,17
Caóticas	164,99	169,60	119,61	174,25

O funcionamento familiar ao nível da adaptabilidade teve um efeito estatisticamente significativo na dimensão *Emocional* (χ^2 KW (2) = 10,490; $p = 0,005$) e que as diferenças estatisticamente significativas se verificavam entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,003$) e entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,019$), mas não entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,129$). Assim pode-se inferir que as famílias Caóticas e, até mesmo, as Estruturadas/Flexíveis são constituídas por adolescentes mais dependentes a este nível do que as famílias Rígidas em que os seus adolescentes se mostram menos dependentes.

O funcionamento familiar, no que diz respeito à adaptabilidade, tem uma influência significativa na dimensão *Ideológica* (χ^2 KW (2) = 20,157; $p = 0,000$). Verificou-se também que as diferenças estatisticamente significativas se verificavam entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,000$) e entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,000$), não havendo diferenças significativas entre famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,125$). O que sugere que as famílias Caóticas e as famílias Estruturadas/Flexíveis são constituídas por adolescentes mais dependentes a este nível do que as famílias Rígidas onde se verifica uma menor dependência.

O funcionamento familiar tem um efeito estatisticamente significativo na dimensão *Conflitual* (χ^2 KW (2) = 12,935; $p = 0,002$) e que há diferenças estatisticamente significativas

entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,001$), mas não entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,033$) e entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,028$). Com base nestes dados podemos inferir que no seio das famílias Rígidas se encontram adolescentes mais dependentes a este nível do que nas famílias Caóticas em que os seus adolescentes se revelam menos dependentes.

Por fim, damo-nos conta da influência significativa do funcionamento familiar ao nível da adaptabilidade na dimensão **Funcional** (χ^2 KW (2) = 15,165; $p = 0,001$). Verificando-se ainda diferenças estatisticamente significativas entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,000$) e entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,011$) mas não entre famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,068$). Assim, com base no descrito, pode-se concluir que os adolescentes das famílias Caóticas se mostram mais dependentes a este nível do que os das famílias Estruturadas/Flexíveis e os das famílias Rígidas, adolescentes estes que apresentam uma menor dependência.

De seguida averiguou-se as dimensões do ISP e o funcionamento familiar ao nível da **Coesão**, mas agora no que diz respeito à **mãe**:

Podemos verificar que:

Quadro 12 – Médias da caracterização da família ao nível da dimensão Coesão nas dimensões do ISP que remete para a mãe.

Coesão	\bar{X}			
	Emocional	Ideológica	Conflitual	Funcional
Desagregadas	97,52	111,16	180,95	110,28
Separadas/Ligadas	151,21	145,66	145,53	150,73
Aglutinadas	184,03	177,94	108,33	171,93

O funcionamento familiar ao nível da Coesão tem um efeito estatisticamente significativo na dimensão **Emocional** (χ^2 KW (2) = 47,226; $p = 0,000$) e as diferenças significativas foram encontradas entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,000$), entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,002$). Deste modo, pode-se concluir que as famílias Aglutinadas são constituídas por adolescentes mais dependentes a este nível do que as

famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que as famílias Desagregadas, estas últimas constituídas por adolescentes menos dependentes.

O funcionamento familiar ao nível da Coesão tem influência na dimensão **Ideológica** (χ^2 KW (2) = 27,568; $p = 0,000$) e as diferenças significativas verificavam-se entre as famílias Desagregadas e as Separadas/Ligadas ($p = 0,003$), entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,006$). Neste sentido, podemos inferir que as famílias Aglutinadas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível ideológico do que os adolescentes das famílias Separadas/Ligadas e mais ainda do que os das famílias Desagregadas, que se mostram menos dependentes.

Quanto à dimensão **Conflitual**, o funcionamento familiar influencia significativamente esta dimensão (χ^2 KW (2) = 32,534; $p = 0,000$), verificando-se diferenças significativas entre as famílias Desagregadas e Separadas/Ligadas ($p = 0,002$), entre as famílias Desagregadas e Aglutinadas ($p = 0,000$) e entre as famílias Separadas/Ligadas e Aglutinadas ($p = 0,001$). Assim, as famílias Desagregadas são constituídas por adolescentes mais dependentes da mãe ao nível conflitual do que as famílias Separadas /Ligadas e mais ainda do que as famílias Aglutinadas, em que se verifica uma menor dependência a este nível.

O funcionamento familiar teve um efeito estatisticamente significativo na dimensão **Funcional** (χ^2 KW (2) = 24,416; $p = 0,000$) e que as diferenças significativas ocorriam entre as famílias Desagregadas e as Separadas/Ligadas ($p = 0,000$), entre as famílias Desagregadas e as Aglutinadas ($p = 0,000$) mas não entre as famílias Separadas/Ligadas e as Aglutinadas ($p = 0,063$). Deste modo, os dados sugerem que as famílias Aglutinadas e Separadas/Ligadas são constituídas por adolescentes mais dependentes da mãe ao nível funcional do que as famílias Desagregadas que, por sua vez, são constituídas por adolescentes menos dependentes da mãe a este nível.

Agora vamos analisar as escalas do Inventário de Separação Psicológica (ISP) que remete para a *mãe* e o funcionamento familiar mas no que diz respeito à dimensão **Adaptabilidade**:

Com base nos dados expostos:

Quadro 20 – Médias da caracterização da família ao nível da dimensão Adaptabilidade na dimensão Emocional do ISP que remete para a mãe.

Adaptabilidade	\bar{X}			
	Emocional	Ideológica	Conflitual	Funcional
Rígidas	118,09	116,99	178,42	116,65
Estruturadas/Flexíveis	146,20	145,41	146,18	151,24
Caóticas	172,24	174,96	106,07	164,15

Verificou-se que o funcionamento familiar ao nível da adaptabilidade tem um efeito significativo na dimensão **Emocional** (χ^2 KW (2) = 15,890; $p = 0,000$) e que as diferenças estatisticamente significativas se encontram entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,013$) e entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,000$), mas não entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,025$). Assim, as famílias Caóticas e as famílias Estruturadas/Flexíveis são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível Emocional do que os das famílias Rígidas, estes que se revelam menos dependentes.

Identificou-se também um efeito estatisticamente significativo do funcionamento familiar sobre a dimensão **Ideológica** (χ^2 KW (2) = 18,198; $p = 0,000$), havendo diferenças estatisticamente significativas entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,000$), entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis ($p = 0,018$) e entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,017$). Desta forma, pode-se dizer que as famílias Caóticas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível Ideológico do que as famílias Estruturadas/Flexíveis e mais ainda do que as famílias Rígidas em que os seus adolescentes são menos dependentes a este nível.

Verificou-se ainda que o funcionamento familiar ao nível da adaptabilidade influencia significativamente a dimensão **Conflitual** (χ^2 KW (2) = 28,337; $p = 0,000$) e que as diferenças estatisticamente significativas encontram-se entre as famílias Rígidas e Estruturadas/Flexíveis

($p = 0,004$), entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,000$) e entre as famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,001$). Estes dados sugerem que as famílias Rígidas são constituídas por adolescentes mais dependentes ao nível Conflitual do que as famílias Estruturadas/Flexíveis e mais ainda do que as famílias Caóticas, nas quais os adolescentes se revelam menos dependentes a este nível.

Por fim, damo-nos conta de um efeito estatisticamente significativo do funcionamento familiar ao nível da adaptabilidade sobre a dimensão *Funcional* (χ^2 KW (2) = 13,694; $p = 0,001$), verificando-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as famílias Rígidas e Estruturadas/flexíveis ($p = 0,003$) e entre as famílias Rígidas e Caóticas ($p = 0,001$) mas não entre famílias Estruturadas/Flexíveis e Caóticas ($p = 0,266$). Como tal, podemos inferir que as famílias Caóticas e até mesmo as famílias Estruturadas/Flexíveis são constituídas por adolescentes mais dependentes a este nível do que os das famílias Rígidas, estas constituídas por adolescentes menos dependentes.

V – DISCUSSÃO e CONCLUSÃO

Após a apresentação e a análise dos resultados torna-se importante fazer uma reflexão de modo a obter-se uma melhor compreensão dos fenómenos focados e das relações que os mesmos estabelecem. Assim, serão discutidos os resultados de uma forma global não perdendo de vista as conceptualizações formuladas pelos autores anteriormente mencionados.

Relativamente ao funcionamento familiar verificamos que o mesmo tem influência na ideação suicida, uma vez que no nosso estudo as famílias caracterizadas como Médias são constituídas pelos adolescentes com níveis mais elevados de ideação suicida e as famílias Extremas pelos adolescentes que apresentam níveis mais baixos de ideação.

Estes resultados infirmam a hipótese colocada e contrariam a teoria do Modelo Circumplexo de Olson que defende serem as famílias Equilibradas (as que apresentam equilíbrio em ambas as dimensões) as que têm mais facilidade em responder às exigências das etapas com que se deparam em comparação com as famílias Médias (em que há desequilíbrio numa das dimensões) e mais ainda com as famílias Extremas (em que há desequilíbrio em ambas as dimensões). Isto porque nesta investigação parecem ser as famílias Extremas as que perante esta etapa do ciclo individual e familiar melhor se conseguem adaptar e dar respostas adequadas, tendo em conta que é no seio das mesmas que se verifica uma menor probabilidade de surgir o sintoma tal como é espelhado pelos níveis mais baixos de ideação dos seus adolescentes. Deste modo, os dados parecem reforçar o facto de esta tipologia de padrões se poder tornar perigosa se, não conhecendo a história familiar, correremos o risco de afirmar que o desequilíbrio e o equilíbrio levam ao disfuncionamento e ao funcionamento familiar, respectivamente, pois neste estudo são exactamente as famílias que expressam desequilíbrio em ambas as dimensões as que parecem potenciar melhores condições aos seus adolescentes. Assim, os nossos resultados parecem vir dar razão a Olson (1999) quando o mesmo defende que as famílias que apresentam desequilíbrio não são necessariamente disfuncionais.

De forma a averiguar mais especificamente a influência do funcionamento familiar teve-se em conta a caracterização da família em termos de coesão e de adaptabilidade separadamente. O que se verificou, ao nível da coesão, foi que as famílias Desagregadas e até mesmo as Separadas/Ligadas (as que mais representam as famílias Médias) são constituídas pelos adolescentes que apresentam níveis de ideação suicida mais elevados e as famílias Aglutinadas (que mais representam as famílias Extremas) pelos adolescentes com níveis de ideação mais baixos, e que, ao nível da adaptabilidade, embora não haja uma influência

significativa, são as famílias Estruturadas/Flexíveis e as famílias Rígidas (que mais representam as famílias Médias) que tendem a ser constituídas pelos adolescentes com níveis de ideação mais elevados e as famílias Caóticas (que mais representam as famílias Extremas) pelos que apresentam níveis mais baixos.

Desta forma, parece que em ambas as dimensões, coesão e adaptabilidade, um dos níveis extremos favorece o aparecimento do sintoma e o outro o impede, sendo que são as famílias Desagregadas e as famílias Rígidas as que parecem favorecer o aparecimento de níveis mais elevados de ideação suicida e as famílias Aglutinadas e as Caóticas, eventualmente por proporcionar melhores condições, as que parecem diminuir a probabilidade do seu aparecimento e daí os níveis mais baixos de ideação.

Ao olhar para os comportamentos suicidários como fazendo parte de um continuum e ao olhar para ideação suicida como um precursor de comportamentos mais severos, podemos assumir que estes resultados vão ao encontro dos estudos de Compton, Thompson e Kaslow (2005) e de Payne e Range (2001) que defendiam ser os níveis baixos de funcionamento familiar que se encontravam fortemente associados às tentativas de suicídio, ou seja, que era no seio das famílias Desagregadas e Rígidas que estes comportamentos ocorriam.

Contudo, estes resultados contrariam em parte o estudo de Bush e Pargament (1995) e o estudo de Sampaio e Santos (1997). Contrariam o primeiro por assumirem que estes comportamentos se verificavam em famílias que possuíam um estilo Caótico (famílias Caóticas) e neste estudo ocorrerem em famílias Rígidas e o segundo por admitir que estas famílias se caracterizavam por Aglutinadas quando neste caso são caracterizadas por Desagregadas. Estas incoerências podem-se prender, no primeiro caso, com o facto de se ter incidido em faixas etárias diferentes e as necessidades serem também elas diferentes, mas também, no que diz respeito ao segundo caso, com o facto de esta tipologia, embora útil para se obter uma linguagem comum na compreensão e classificação destes sistemas familiares, apenas determinar o nível e o estilo de funcionamento actual de uma família. Isto porque não nos permite perceber se o tipo de sistema familiar é transitório e tem como objectivo dar resposta ao momento de crise ou se se trata do funcionamento típico dessa família e se a mesma se encontra presa no mesmo. Quer isto dizer, que duas famílias podem-se encontrar num mesmo registo mas uma o ter adoptado para dar uma resposta mais adequada às necessidades exigidas e outra se encontrar a esse nível por se encontrar presa ao mesmo e em bloqueio.

Assim, o que mais interessa não é o registo em que a família se encontra no momento mas sim se o mesmo possibilita dar respostas adequadas e cumprir as tarefas às quais se

propõem. No presente trabalho de investigação parece que são as famílias Aglutinadas e as famílias Caóticas as que, embora se encontrem nos níveis extremos, melhor o conseguem fazer o que indica que funcionam bem neste registo e não se encontram presas ao mesmo nem em bloqueio.

No nosso estudo verificou-se também que os níveis intermédios de ambas as dimensões parecem levar ao aparecimento de níveis mais altos de ideação o que não é consonante com a teoria, mas relativamente a este aspecto não nos podemos adiantar muito pois optamos, tendo em conta as nossas hipóteses, por juntar os níveis intermédios o que nos impede de tirar grandes conclusões. No entanto podemos colocar a hipótese de tal se verificar por eventualmente haver um maior número de famílias que embora situadas nos níveis intermédios das dimensões, estes se encontrem mais próximos dos extremos associados a níveis de ideação mais elevados, isto é, um maior número de famílias Separadas e um maior número de famílias Estruturadas.

Com a análise dos dados desta investigação, verificou-se ainda uma influência do funcionamento familiar na resolução do processo de separação psicológica do adolescente relativamente aos progenitores, na medida em o adolescente demonstrou mais ou menos dificuldades na resolução do processo de separação consoante o funcionamento familiar operante. Isto porque se apurou que as famílias Aglutinadas e as famílias Caóticas, no que diz respeito à coesão e à adaptabilidade, respectivamente, eram constituídas por adolescentes mais dependentes dos pais aos níveis emocional, ideológico e funcional mas mais independentes ao nível conflitual e que as famílias Desagregadas e as famílias Rígidas, tendo em conta a coesão e adaptabilidade, eram constituídas pelos mais independentes aos níveis emocional, ideológico e funcional mas mais dependentes ao nível conflitual. Ou seja, não perdendo de vista que a dimensão Conflitual expressa a forma como o adolescente está a vivenciar o processo de separação e como o mesmo está a decorrer e que uma baixa independência a este nível evidencia a presença de sentimentos negativos e de dificuldades, os adolescentes das famílias Desagregadas e Rígidas revelam mais dificuldades no processo de separação que os adolescentes das famílias Aglutinadas e Caóticas, que o ultrapassam com mais facilidade.

Assim sendo, as famílias Aglutinadas, bem como as famílias Caóticas parecem proporcionar aos seus adolescentes melhores condições para ultrapassarem com sucesso o processo de separação psicológica pois o mesmo não suscita sentimentos negativos, o que indica que embora o processo ainda não esteja concluído (ao se mostrarem menos dependentes a alguns níveis) o mesmo está a decorrer sem dificuldades de maior. Por sua vez,

as famílias Desagregadas e Rígidas parecem criar problemas aos seus adolescentes pois embora se mostrem independentes a diversos níveis o movimento de separação parece ser acompanhado por grandes dificuldades pois o mesmo não ocorre sem suscitar sentimentos negativos.

Desta forma, tudo leva a crer que são as famílias Aglutinadas e as famílias Caóticas que proporcionam uma verdadeira autonomia aos seus adolescentes pois, apesar de classificadas desta forma, parecem ser capazes de responder de forma adequada a esta fase de desenvolvimento. As primeiras parecem conseguir alcançar um equilíbrio suficiente entre a proximidade e a separação, ou seja, parecem estabelecer vínculos de confiança e segurança ao mesmo tempo que permitem e fomentam a autonomia e individualização dos adolescentes e as segundas parecem conseguir um equilíbrio entre a estabilidade e a mudança, ou seja, parecem ter tido a capacidade de mudar a liderança, os papéis e as regras perante esta etapa do ciclo individual e familiar que é a adolescência. Pode-se então levantar a hipótese de o registo Aglutinado se prender com a cultura regente (grande importância que se dá ao núcleo familiar) e com tradições familiares de grande ligação emocional que não impede a família de realizar com êxito as tarefas com as quais se confronta e de o nível Caótico se tratar de um estado transitório que se mostra adequado para esta altura uma vez que é uma etapa do ciclo de vida que necessita de uma certa flexibilidade e capacidade de mudança na liderança, regras e papéis para que as mudanças nas relações sejam possíveis.

Em contrapartida, as famílias Desagregadas e as famílias Rígidas apenas parecem proporcionar aos seus adolescentes uma pseudo-autonomia, os adolescentes apenas aparentam ser autónomos, na medida em que o movimento de separação que fazem não é alcançado com êxito pois suscita sentimentos negativos, o que demonstra não se ter atingido um equilíbrio entre separação e proximidade e entre a estabilidade e a mudança. Isto vai de encontro ao que Alarcão (2006) diz quando o mesmo refere que as famílias Desagregadas funcionam num registo individualista mas não numa verdadeira autonomia pois os seus membros são expulsos precocemente para a vida social sem serem adequadamente socializados. Desta forma, o Sistema familiar, ao não proporcionar ao adolescente vínculos de confiança e segurança, parece estar a condenar o movimento de separação ao fracasso, pois desta forma o adolescente não consegue estabelecer verdadeiras relações extrafamiliares, por um lado, porque não sabe como o fazer e por outro, porque tem receio em perder o pouco amor que os laços familiares lhe proporcionam. Assim, estes adolescentes funcionam de forma aparentemente autónoma mas sentem dificuldades, pois parecem carecer de sentimentos de pertença e lealdade fulcrais para o processo de separação.

Estas conclusões, ao partir-se do princípio que os adolescentes que não experienciam sentimentos negativos são aqueles que mantêm relações mais veiculadas aos pais (Dias e Fontaine, 2001), vêm dar força ao modelo de dupla hélice psicológica de Fleming (2005) pois demonstram a importância da vinculação nesta etapa de desenvolvimento e a importância que os laços familiares cumprem na resolução de separação psicológica. Isto porque se verifica que são as famílias que proporcionam aos adolescentes vínculos fortes e seguros, as famílias Aglutinadas, as que permitem a resolução da separação psicológica com eficácia e que, em contraste, são as famílias em que esses laços não existem, famílias Desagregadas, as que levam a que o processo de separação seja vivido com dificuldades.

Damo-nos conta também de que a separação emocional, ideológica e funcional não significa necessariamente separação psicológica e individualização, uma vez que são os adolescentes que mais autónomos se mostram os que mais dificuldades sentem neste processo e os que não o conseguem alcançar com êxito. Provavelmente daí a infirmação de uma das nossas hipóteses, pois uma maior separação dos pais não leva necessariamente a níveis mais baixos de ideação suicida, até porque no nosso estudo uma maior independência ao nível ideológico e funcional do pai leva os adolescentes a terem níveis de ideação mais elevados ⁽³⁾. Este resultado vai de certa forma ao encontro dos resultados de Dias e Fontaine (2001) em que uma maior independência Ideológica se associa a um menor bem-estar psicológico. Ao olhar para estes dados podemos admitir, tal como sugerem os autores, que uma menor independência a este nível manifesta a internalização dos objectos parentais e que o facto de se terem tornado parte da identidade do adolescente conduz a um maior bem-estar e, neste caso, a níveis de ideação mais baixos.

Em contrapartida, verificamos uma associação estreita entre a separação Conflitual dos pais e a separação psicológica, na medida em que uma maior independência a este nível revela uma maior liberdade em relação a uma excessiva culpa, ansiedade, responsabilidade, ressentimento, inibição e raiva em relação aos pais o que leva o adolescente a ter menos dificuldades em concretizar o processo de separação psicológica e a concretizá-lo de forma mais eficaz. A dar razão a esta afirmação vieram os nossos resultados se aceitarmos a hipótese de a ideação suicida ser uma forma de expressar o fracasso no processo adolescente, pois estes revelam que mais dificuldades na resolução da separação psicológica em relação ao pai e à mãe, mais dependência ao nível Conflitual, mais elevados são os níveis de ideação suicida

⁽³⁾ Este dado em comunhão com a informação de que uma maior independência funcional da mãe leva a níveis de ideação suicida mais baixos alerta-nos para o facto de a resolução da separação psicológica ter implicações diferentes consoante o género do progenitor, contudo não nos vamos alargar neste campo pois foge ao nosso objectivo inicial.

apresentados pelos adolescentes e que menos dificuldade, mais independência a este nível, mais baixos serão os níveis de ideação.

Deste modo, ao olhar para o conjunto de dados obtidos podemos dizer que as famílias dos adolescentes com níveis de ideação suicida mais baixos parecem ser caracterizadas como Aglutinadas e como Caóticas e as famílias dos adolescentes com níveis de ideação suicida mais elevados parecem ser caracterizadas como Desagregadas e Rígidas.

As famílias Desagregadas e as famílias Rígidas ao não atingirem um equilíbrio adequado entre a proximidade e a separação e entre a estabilidade e a mudança, respectivamente, criam grandes dificuldades aos seus adolescentes na resolução de separação psicológica, não lhes permitindo alcançar uma verdadeira autonomia mas sim uma pseudo-autonomia, o que parece levar a níveis de ideação mais elevados. Por sua vez, as famílias Aglutinadas e as famílias Caóticas parecem atingir o equilíbrio desejado, o que faz com que os seus adolescentes tenham menos dificuldades no processo de separação, alcancem uma verdadeira autonomia e apresentem níveis mais baixos de ideação suicida.

Em suma, tal como defende a perspectiva sistémica, os níveis mais altos de ideação suicida parecem expressar um duplo fracasso, ao nível familiar e individual, na medida em que um tipo de funcionamento familiar específico e as dificuldades no processo adolescente parecem levar ao surgimento destes pensamentos de uma forma mais acentuada. O que nos leva a comprovar que a capacidade de a família articular e negociar as mudanças ao nível da coesão e adaptabilidade permite enfrentar mais adequadamente o stress inerente às etapas do ciclo familiar e individual e de capacitar o adolescente a ultrapassar o processo adolescente sem dificuldades de maior.

Como tal, verificamos a importância de se ter em atenção não só o adolescente mas também a sua respectiva família e como ela deve estar informada sobre o que é e não é normal na adolescência e quais as necessidades que esta fase de desenvolvimento impõe ao adolescente e ao sistema familiar. Seria então fundamental proporcionar conferências e até sessões de esclarecimento nas escolas (lugar de eleição tendo em conta o papel que cumpre nas vidas dos adolescentes) aos pais, professores e funcionários sobre a adolescência e a importância da família nesta fase de desenvolvimento, sobre eventuais problemas inerentes e as possíveis estratégias para os colmatar de forma a se tornarem mais aptos para lidarem com os seus adolescentes. O objectivo não seria ensinar estes pais a serem pais mas sim, num trabalho de parceria, a dotá-los de conhecimento para que os mesmos tivessem a possibilidade de se tornarem melhores pais.

Considerações finais

Com o decorrer do trabalho foi-se tendo consciência de algumas das suas limitações e da pertinência de alguns aspectos em que este trabalho não se debruçou. Como tal, foram-se delineando algumas propostas para futuros trabalhos para que os mesmos se tornassem mais ricos e fornecessem mais informação.

Um dos aspectos prende-se com o facto deste trabalho de investigação apenas se ter debruçado na percepção do adolescente, pois apenas se teve em conta o ponto de vista de um dos elementos do sistema familiar. Deste modo, julga-se pertinente realizar um estudo semelhante ao que se apresenta mas desta vez incidir sobre o adolescente e a sua respectiva família, o que certamente seria uma mais-valia pois o interesse das conclusões retiradas seria aumentado, pois iria permitir obter mais informação sobre o nível de funcionamento familiar e o impacto do mesmo no processo adolescente. Seria igualmente pertinente que se reduzisse a dimensão da amostra, para facilitar a viabilidade e a execução do estudo, e que se incluísse um instrumento que permitisse recolher mais dados, como por exemplo, uma entrevista semi-directiva, de modo a enriquecer o trabalho.

Seria também interessante que futuros estudos se debruçassem sobre a satisfação familiar dos seus membros, na medida em que uma família, independentemente do registo em que se encontra, poderá operar de uma maneira funcional enquanto todos os membros da família se mostrarem satisfeitos com o seu funcionamento. Por exemplo, no âmbito deste trabalho, partindo-se do princípio que o comportamento sintomático surge como um meio de expressar a necessidade de que ocorram mudanças ao nível familiar, poderia-se averiguar se realmente uma maior insatisfação familiar se encontra associada a níveis de ideação suicida mais elevados.

Verificámos ainda neste trabalho de investigação, embora não fosse o seu objectivo principal, que aparentemente o grau de separação psicológica dos filhos relativamente aos pais poderia ter implicações diferentes nos adolescentes caso se tratasse da mãe ou do pai. Como tal, parece importante averiguar em futuros estudos como este grau de independência dos adolescentes relativamente a cada um dos progenitores é gerido e que impacto tem nestes mesmos adolescentes.

Outro aspecto prende-se com o facto deste trabalho apenas se ter debruçado numa população de adolescentes de uma Escola Secundária da Grande Lisboa, o que não nos permite generalizar as nossas conclusões e extrapolá-las para os adolescentes portugueses e até mesmo para os adolescentes de Lisboa. Desta forma seria interessante realizar um estudo

que englobasse uma maior diversidade de adolescentes de Lisboa de modo a que a amostra fosse representativa.

Por fim, neste estudo foram utilizados dois instrumentos que foram previamente traduzidos e adaptados à população a que se dirigia, o que se constitui uma mais valia. No entanto, seria importante que os mesmos fossem devidamente validados e adaptados à população portuguesa de modo a permitir a realização de trabalhos de investigação nesta área com resultados e conclusões cada vez mais credíveis.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des) equilíbrios familiares (3ªed.)*. Coimbra: Quarteto.
- Aldridge, D., & Dallos, R. (1986). Distinguishing families where suicidal behaviour is present from families where suicidal behaviour is absent. *Journal of family therapy*, 8, 243-252.
- Almeida, M. J., Dias, G. F., & Fontaine, A. M. (1996). Separação psicológica das figuras parentais em jovens universitários: adaptação do “Psychological Separation Inventory” de Hoffman à população portuguesa. *Psiquiatria Clínica*, 17, 1, 5-17.
- Andolfi, M.(1981). *A terapia familiar*. Lisboa: Editorial Veja.
- Barnes, H., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the Circumplex Model. *Child Development*, 56, 438-447.
- Blos, P. (1967). Second Individuation process of adolescent. *Psychoanalytic study of the child*, 22, 162-186.
- Bush, E. G., & Pargament, K. I. (1995). A quantitative and qualitative analysis of suicidal preadolescents children and their families. *Child Psychiatry and Human Development*, 25, 4, 241-252. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=6&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>
- Castela, C. M. M. (1994). *Ideação suicidária no adolescente: a escola e a família na prevenção primária do suicídio*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia e Ciências da Educação). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Coimbra de Matos, A. (1986). O primeiro amor. *Psicologia*, V, 39-43.
- Coimbra de Matos, A. (2003). *Mais amor menos doença*. Lisboa: Climepsi.

- Compton, M. T., Thompson, N. J. & Kaslow, N. J. (2005). Social environment factors associated with suicide attempt among low-income African Americans: The protective role of family relationships and social support. *Soc. Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 40, 175-185. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=7&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>
- Corcoran, K., & Fischer, J. (Eds.). (2000). Family adaptability and cohesion evaluation scale. In K. Corcoran & J. Fischer (Eds.), *Measures for clinical practice: a sourcebook* (pp. 246-249). New York: Free press.
- Dias, M. G., & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, J. A., & Castela, M. C. (1999). Questionário de ideação suicida (Q.I.S.). In M. R. Simões, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. II) (pp. 123-130). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (2ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo e crescer: Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Hoffman, J. A. (1984). Psychological separation of late adolescents from their parents. *Journal of Counseling Psychology*, 31, 170-178.
- Kashani, J. H, Suarez, L., Luchene, L., & Reid, J. C. (1998). Family characteristics and behavior problems of suicidal and non-suicidal children and adolescents. *Child Psychiatry and Human Development*, 29, 2, 157 – 168. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=6&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>

- Laufer, M. (2000). Compreender o suicídio: tem um significado especial na adolescência? In M. Laufer (coord.), *O adolescente suicida* (pp. 69-79). Lisboa: Climepsi.
- Madu, S. N., & Matla, M. (2004). Family environmental factors as correlates for adolescent suicidal behaviors in the Limpopo Providence of South Africa. *Social Behavior and Personality*, 32, 4, 341 – 354. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=7&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Sílabo.
- Martins, M. F. (1990). *A tentativa de suicídio adolescente: da clínica às ciências sociais e humanas*. Porto: Afrontamento.
- Maynard, P. E., & Olson, D. (1987). Circumplex Model of Family Systems: a treatment tool in family counseling. *Journal of Counseling and Development*, 65, 502-504.
- Minuchin, S. (1988). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Olson, D. (1999). Circumplex Modelo f marital & family systems. Retried April 7, 2008 from <http://www.lifeinnovations.com/pdf/circumplex.pdf>
- Payne, B. J., & Range, L. M. (2001). Family environment, depression, attitudes toward life and death, and suicidality in young adults. Hattiesburg, Mississippi: University of Southern Mississippi. Retrieved December 15, 2006 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=10&hid=111&sid=72e694b5-3190-4a66-b24b-f420ddcc8b39%40sessionmgr102>
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2005). Família e Stress: Das crises normativas às crises inesperadas – como intervir numa perspectiva sistémica. In A. M. Pinto, & A. L. da Silva (Orgs), *Stress e bem-estar: Modelo e domínios de aplicação* (pp. 43-58). Lisboa: Climepsi.

- Sampaio, D. (2000). *Inventem-se novos pais* (12ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2002a). Intervenção familiar em adolescentes suicidas. *Psicologica*, 31, 85-92.
- Sampaio, D. (2002b). Suicídio e Para-suicídio. In J. C. D. Cordeiro (Ed.), *Manual de Psiquiatria Clínica* (2a ed., 395-405). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sampaio, D. (2006). *Ninguém morre sozinho* (14ª ed. rev.). Lisboa: Caminho. (obra original publicada em 1991).
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (2005). *Terapia familiar* (6ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Sampaio, D., & Santos, N. C. (1997). Adolescentes em risco de suicídio: A experiência do Núcleo de Estudos do Suicídio. *Psiquiatria Clínica*, 18, 3, 187-194.
- Saraceno, C. (1992). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Stengel, E. (1980). *Suicídio e tentativa de suicídio*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Soares, I., & Campos, B. P. (1988). Vinculação autonomia relação do adolescente com os pais. *Cadernos de consulta psicológica*, 4, 57-64.
- Sociedade Portuguesa de Suicidologia (2003/2006). *O suicídio: respostas a questões frequentes*. Consultado em 3 de Janeiro de 2008 através de http://www.spsuicidologia.pt/docs/sps_sfag.pdf.
- Summerville, M. B., Kaslow, N. J., & Doepke, K. J. (1996). Psychopathology and family functioning in suicidal African-American adolescents. *Current Directions in Psychological Science*, 5, 1, 7-11. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=8&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>

- Turner, S. G., Kaplan, C. P., Zayas, L., & Ross, R. E. (2002). Suicide attempts by adolescent Latinas: An exploratory study of individual and family correlates. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 19, 5, 357 – 374. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=4&hid=19&sid=f80a8a7a-6d39-4c0e-b315-7771a472298a%40SRCSM1>
- Wagner, B. M. (1997). Family risk factors for child and adolescent suicidal behavior. *Psychological Bulletin*, 121, 2, 246-298. Retrieved February 5, 2007 from <http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=36&hid=14&sid=53867408-d5b6-4be6-b6c5-8015357683fd%40SRCSM2>
- Werlang, B., Borges, V.R., & Fensterseifer, L. (2005). Factores de risco ou protecção para a presença de ideação suicida na adolescência. *Revista Interamecana de Psicologia/ Interamerican Journal of Psychology*, 39, 2, 259-266. Retrieved April, 10, 2008 from <http://www.psicoup.org/resumos/PerP/RIP/RIPO36aO/RIPO03929.pdf>.

ANEXO I
Características psicométricas dos instrumentos

Características psicométricas

Questionário de ideação suicida

Relativamente a este instrumento verificou-se, recorrendo ao KMO (0,948) e ao teste de esfericidade (χ^2 (435/g.l.) = 7004,639; $p = 0,000 < 0,05$), que era legítimo averiguar a sua consistência interna. Verificou-se ainda, através do cálculo do coeficiente *alpha* de *Cronbach*, que este instrumento apresentava uma boa consistência interna, uma vez que apresentava um α de 0,962.

Versão da Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar

Para averiguar a adequabilidade da análise factorial aos seus dados recorreu-se ao KMO e ao teste de esfericidade de Bartlett, verificando-se ser legítimo fazer uma análise factorial e averiguar a sua consistência interna, tanto à escala que remete para a família real como à que remete para a família ideal, pois o KMO assumiu bons valores (0,886 e 0,841, respectivamente) e o teste de esfericidade de Bartlett mostrou-se significativo (χ^2 (190/ g.l.) = 1545,888; $p = 0,000 < 0,05$; χ^2 (190/g.l.) = 1311,537; $p = 0,000 < 0,05$, respectivamente). Como tal, pode-se proceder à análise factorial e averiguar a fidelidade do teste. O estudo da fidelidade foi efectuado através do cálculo do coeficiente *alpha* de *Cronbach* do total das escalas e das respectivas dimensões. Relativamente à escala total, verificámos que ambas as escalas, a que remete para a família real e a que remete para a família ideal, têm uma boa consistência interna, uma vez que apresentavam um α de 0,840 (bom valor) e um α de 0,778 (valor razoável), respectivamente. Quanto às dimensões que compõe a escala, neste caso coesão e adaptabilidade, a consistência interna também se mostrou adequada, revelando um α de 0,805 (bom valor na coesão) e um α de 0,697 (valor fraco, mas aceitável, na adaptabilidade) na escala que remete para a família real, e um α de 0,736 (valor razoável na coesão) e um α de 0,633 (valor fraco, mas aceitável, na adaptabilidade) na escala que remete para a família ideal. Desta forma, podemos considerar que os itens constituintes medem um mesmo constructo.

É bom salientar que neste estudo de investigação, apesar das alterações efectuadas no instrumento, se optou por considerar os mesmos itens e as mesmas dimensões avançadas pelos autores dos instrumentos, tendo sido estes mesmos itens os que foram sujeitos às

análises estatísticas acima referidas.

Versão do Inventário de Separação Psicológica

Tal como foi referido anteriormente este instrumento é composto por 78 itens, dos quais 39 itens referem-se à mãe e os outros 39 itens idênticos referem-se ao pai. Itens estes que remetem para quatro escalas de independência – independência emocional, ideológica, conflitual e funcional – tanto no que diz respeito à mãe como no que diz respeito ao pai. Como tal, analisou-se as escalas relativas ao pai e as relativas à mãe separadamente. Verificou-se que o instrumento, em ambos os casos referidos, suportava uma análise factorial para determinar a sua consistência interna pois apresentavam um KMO de 0,870 (bom valor no que diz respeito à mãe) e de 0,872 (bom valor no que diz respeito ao pai) e o teste de esfericidade de Bartlett mostrou-se significativo para ambos os casos (χ^2 (741/g.l.) = 4549,353; $p = 0,000 < 0,05$; e χ^2 (741/g.l.) = 4713,903; $p = 0,000 < 0,05$, respectivamente). Quanto à consistência interna do instrumento em termos globais, verificou-se uma boa consistência tanto no que remete para a mãe como no que remete para o pai na medida em que o α assumiu o valor de 0,842 (nas escalas relativas à mãe) e de 0,836 (nas escalas relativas ao pai). Relativamente à consistência interna das diferentes dimensões/escalas, medida através do coeficiente *alpha* de Cronbach, a consistência também se mostrou adequada, tendo-se verificado um α de 0,891 (bom valor na mãe) e um α de 0,884 (bom valor no pai) na dimensão emocional, um α de 0,782 (valor razoável na mãe) e um α de 0,803 (bom valor no pai) na dimensão ideológica, um α de 0,856 (bom valor na mãe) e um α de 0,853 (bom valor no pai) na dimensão conflitual e, por fim, um α de 0,788 (valor razoável na mãe) e um α de 0,780 (valor razoável no pai) na dimensão funcional.

Optou-se por considerar as mesmas dimensões avançadas pelos autores dos instrumentos, sendo as mesmas constituídas pelos itens (os que se mantiveram na versão construída) que os mesmos atribuíram, daí se terem efectuado estas análises estatísticas às dimensões referidas, de modo a averiguar com que confiança, tendo em conta as alterações sofridas, se poderia utilizar os resultados obtidos pela escala.

ANEXO II
Versões do instrumento aplicado

Versão I

Idade ____ Género: Feminino Masculino Ano de escolaridade ____

Com quem vives? _____

Qual a profissão da (o):

Mãe _____ Pai _____ Estado civil _____

Quais as suas habilitações literárias?

Mãe _____ Pai _____

Tens irmãos? Sim Não Se sim quantos e que idade têm? _____

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar

(Versão portuguesa de Abreu, & Pereira, 2008)

Em baixo vais encontrar uma série de frases que te podem ajudar a descrever a forma como as pessoas da tua família se relacionam. O que te pedimos é que leias com atenção e que coloques uma cruz (X) na resposta que aches que melhor caracteriza a tua família. Não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é que sejas sincero e espontâneo. As tuas respostas serão anónimas e confidenciais.

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. As pessoas da minha família pedem ajuda uns aos outros.					
2. Na resolução de problemas, as sugestões dos filhos são ouvidas.					
3. As pessoas da minha família aprovam os amigos uns dos outros.					
4. Na minha família, pais e filhos definem as regras em conjunto.					
5. As pessoas da minha família gostam de fazer actividades apenas com a família mais próxima.					
6. Na minha família existe mais do que uma pessoa a desempenhar o papel de líder.					
7. As pessoas da minha família sentem-se mais próximas umas das outras do que das pessoas de fora.					
8. A minha família costuma adaptar-se às diferentes situações com que se confronta.					
9. As pessoas da minha família gostam de passar o tempo livre umas com as outras.					
10. Na minha família os pais e os filhos falam sobre os castigos em conjunto.					

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
11. As pessoas da minha família sentem-se muito próximas umas das outras.					
12. Na minha família os filhos têm liberdade para tomar decisões.					
13. Quando a minha família se junta para fazer actividades, estão sempre todos presentes.					
14. Na minha família, as regras vão-se alterando consoante as situações.					
15. As pessoas da minha família pensam em actividades para fazer em conjunto.					
16. Na minha família a responsabilidade pelas tarefas de casa é repartida e alternada.					
17. As pessoas da minha família conversam umas com as outras acerca das decisões que tomam.					
18. Geralmente sinto dificuldade em saber qual é o (s) líder (es) na minha família.					
19. A união familiar é muito importante para as pessoas da minha família.					
20. É difícil dizer quem faz o quê nas tarefas de casa.					

Inventário de Separação Psicológica (I.S.P.)

(Versão de Abreu, & Pereira, 2008)

Agora vais encontrar uma lista de frases que te podem ajudar a descrever a forma como te relacionas com a tua mãe e com o teu pai. Cada um de nós tem uma forma diferente de se relacionar com os pais, por isso, pedimos-te que coloques uma cruz (X) na resposta que melhor descreva a relação que tu estabelececes com cada um deles.

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
1. Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos meus amigos.					
2. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às da minha mãe.					
3. Por vezes a minha mãe é um peso para mim.					
4. A minha mãe tem influenciado a minha escolha de amigos.					
5. Tenho saudades da minha mãe se estou muito tempo longe dela.					
6. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às da minha mãe.					
7. Sinto muitas vezes que estou em guerra com a minha mãe.					
8. Normalmente, peço ajuda à minha mãe para me livrar de sarilhos.					
9. A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
10. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe.					
11. Culpo a minha mãe de muitos problemas que eu tenho.					
12. Peço muitas vezes à minha mãe que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
13. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.					
14. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às da minha mãe.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
15. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora comigo.					
16. Só compro alguma coisa quando a minha mãe concorda.					
17. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.					
18. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe.					
19. Gostava que a minha mãe tentasse não mandar tanto em mim.					
20. Decido o que vou fazer de acordo com o que a minha mãe aprova.					
21. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe.					
22. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às da minha mãe.					
23. Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter.					
24. Pergunto à minha mãe o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
25. Depois de ir de férias com a minha mãe tenho dificuldades em separar-me dela.					
26. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe.					
27. Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um (a) adulto (a)					
28. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) à minha mãe.					
29. Gosto de dar beijos e abraços à minha mãe.					
30. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às da minha mãe.					
31. Estou muitas vezes zangado (a) com a minha mãe.					
32. Gosto que a minha mãe me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
33. A minha mãe é a minha melhor amiga.					
34. As ideias que tenho sobre política são semelhantes às da minha mãe.					
35. Gostaria que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela.					
36. Acho que tenho uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade.					
37. Por vezes a minha mãe deixa-me embaraçado (a).					
38. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com a minha mãe					
39. Fico irritado (a) quando a minha mãe me critica.					
40. Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos.					
41. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às do meu pai.					
42. Por vezes o meu pai é um peso para mim.					
43. O meu pai tem influenciado a minha escolha de amigos.					
44. Tenho saudades do meu pai se estou muito tempo longe dele.					
45. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às do meu pai.					
46. Sinto, muitas vezes, que estou em guerra com o meu pai.					
47. Normalmente, peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos.					
48. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
49. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às do meu pai.					
50. Culpo o meu pai de muitos problemas que eu tenho.					
51. Peço muitas vezes ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
52. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às do meu pai.					
54. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector comigo.					
55. Só compro alguma coisa quando o meu pai concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às do meu pai.					
58. Gostava que o meu pai tentasse não mandar tanto em mim.					
59. Decido o que vou fazer de acordo com o que o meu pai aprova.					
60. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.					
61. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às do meu pai.					
62. Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter.					
63. Pergunto ao meu pai o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
64. Depois de ir de férias com o meu pai tenho dificuldades em separar-me dele.					
65. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às do meu pai.					
66. Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um (a) adulto (a).					
67. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) ao meu pai.					
68. Gosto de dar beijos e abraços ao meu pai.					
69. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às do meu pai.					
70. Estou muitas vezes zangado (a) com o meu pai.					
71. Gosto que o meu pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
72. O meu pai é o meu melhor amigo.					
73. As ideias que tenho sobre a política são semelhantes às do meu pai.					
74. Gostaria que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele.					
75. Acho que tenho uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade.					
76. Por vezes o meu pai deixa-me embaraçado (a).					
77. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com o meu pai.					
78. Fico irritado (a) quando o meu pai me critica.					

Questionário de ideação suicida (Q.I.S.)

(Tradução e adaptação de Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela, 1993/94)

A seguir vais encontrar uma lista de pensamentos que algumas pessoas costumam ter. Lê com atenção e assinala a resposta que melhor expressa os teus pensamentos, sabendo à partida que não existem respostas certas ou erradas.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
1. Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2. Pensei suicidar-me.							
3. Pensei na maneira como me suicidaria.							
4. Pensei quando me suicidaria.							
5. Pensei em pessoas a morrerem.							
6. Pensei na morte.							
7. Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8. Pensei em escrever um testamento.							
9. Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							

¹Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
10. Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11. Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12. Desejei estar morto.							
13. Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14. Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15. Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto (a).							
16. Desejei ter coragem para me matar.							
17. Desejei nunca ter nascido.							
18. Pensei que se tivesse uma oportunidade me suicidaria.							

²Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
19.Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20.Pensei em matar-me mas não o faria.							
21.Pensei em ter um acidente grave.							
22.Pensei que a vida não valia a pena.							
23.Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24.Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25.Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocupar-se comigo.							
26.Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo (a) ou morto (a).							

³ Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
27.Pensei em magoar-me mas não suicidar-me.							
28.Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29.Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia.							
30.Desejei ter o direito de me matar.							

⁴Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

Versão II

Idade _____	Género: Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>	Ano de escolaridade _____
Com quem vives? _____			
Qual a profissão da (o):			
Mãe _____	Pai _____	Estado civil _____	
Quais as suas habilitações literárias?			
Mãe _____	Pai _____		
Tens irmãos? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim quantos e que idade têm? _____			

Inventário de Separação Psicológica (I.S.P.)

(Versão de Abreu, & Pereira, 2008)

A seguir vais encontrar uma lista de frases que te podem ajudar a descrever a forma como te relacionas com a tua mãe e com o teu pai. Cada um de nós tem uma forma diferente de se relacionar com os pais, por isso, pedimos-te que coloques uma cruz (X) na resposta que melhor descreva a relação que tu estabelececes com cada um deles. Não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é que sejas espontâneo e sincero. As tuas respostas serão anónimas e confidenciais.

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
1. Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos meus amigos.					
2. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às da minha mãe.					
3. Por vezes a minha mãe é um peso para mim.					
4. A minha mãe tem influenciado a minha escolha de amigos.					
5. Tenho saudades da minha mãe se estou muito tempo longe dela.					
6. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às da minha mãe.					
7. Sinto muitas vezes que estou em guerra com a minha mãe.					
8. Normalmente, peço ajuda à minha mãe para me livrar de sarilhos.					
9. A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
10. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe.					
11. Culpo a minha mãe de muitos problemas que eu tenho.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
12. Peço muitas vezes à minha mãe que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
13. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.					
14. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens					
15. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora comigo.					
16. Só compro alguma coisa quando a minha mãe concorda.					
17. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.					
18. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe.					
19. Gostava que a minha mãe tentasse não mandar tanto em mim.					
20. Decido o que vou fazer de acordo com o que a minha mãe aprova.					
21. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe.					
22. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às da minha mãe.					
23. Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter.					
24. Pergunto à minha mãe o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
25. Depois de ir de férias com a minha mãe tenho dificuldades em separar-me dela.					
26. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
27. Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um (a) adulto (a)					
28. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) à minha mãe.					
29. Gosto de dar beijos e abraços à minha mãe.					
30. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às da minha mãe.					
31. Estou muitas vezes zangado (a) com a minha mãe.					
32. Gosto que a minha mãe me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
33. A minha mãe é a minha melhor amiga.					
34. As ideias que tenho sobre política são semelhantes às da minha mãe.					
35. Gostaria que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela.					
36. Acho que tenho uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade.					
37. Por vezes a minha mãe deixa-me embaraçado (a).					
38. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com a minha mãe.					
39. Fico irritado (a) quando a minha mãe me critica.					
40. Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos.					
41. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às do meu pai.					
42. Por vezes o meu pai é um peso para mim.					
43. O meu pai tem influenciado a minha escolha de amigos.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
44. Tenho saudades do meu pai se estou muito tempo longe dele.					
45. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às do meu pai.					
46. Sinto, muitas vezes, que estou em guerra com o meu					
47. Normalmente, peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos.					
48. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
49. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às do meu pai.					
50. Culpo o meu pai de muitos problemas que eu tenho.					
51. Peço muitas vezes ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
52. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.					
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às do meu pai.					
54. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector comigo.					
55. Só compro alguma coisa quando o meu pai concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às do meu pai.					
58. Gostava que o meu pai tentasse não mandar tanto em mim.					
59. Decido o que vou fazer de acordo com o que o meu pai aprova.					
60. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
44. Tenho saudades do meu pai se estou muito tempo longe dele.					
45. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às do meu pai.					
46. Sinto, muitas vezes, que estou em guerra com o meu					
47. Normalmente, peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos.					
48. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
49. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às do meu pai.					
50. Culpo o meu pai de muitos problemas que eu tenho.					
51. Peço muitas vezes ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
52. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.					
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às do meu pai.					
54. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector comigo.					
55. Só compro alguma coisa quando o meu pai concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às do meu pai.					
58. Gostava que o meu pai tentasse não mandar tanto em mim.					
59. Decido o que vou fazer de acordo com o que o meu pai aprova.					
60. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
61. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às do meu pai.					
62. Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter.					
63. Pergunto ao meu pai o que hei-de fazer quando					
64. Depois de ir de férias com o meu pai tenho dificuldades em separar-me dele.					
65. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às do meu pai.					
66. Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um (a) adulto (a).					
67. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) ao meu pai.					
68. Gosto de dar beijos e abraços ao meu pai.					
69. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às do meu pai.					
70. Estou muitas vezes zangado (a) com o meu pai.					
71. Gosto que o meu pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
72. O meu pai é o meu melhor amigo.					
73. As ideias que tenho sobre a política são semelhantes às do meu pai.					
74. Gostaria que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele.					
75. Acho que tenho uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
76. Por vezes o meu pai deixa-me embaraçado (a).					
77. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com o meu pai.					
78. Fico irritado (a) quando o meu pai me critica.					

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar

(Versão portuguesa de Abreu, & Pereira, 2008)

Agora vais encontrar uma série de frases que te podem ajudar a descrever a forma como as pessoas da tua família se relacionam. O que te pedimos é que leias com atenção e que coloques uma cruz (X) na resposta que aches que melhor caracteriza a tua família.

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. As pessoas da minha família pedem ajuda uns aos outros.					
2. Na resolução de problemas, as sugestões dos filhos são ouvidas.					
3. As pessoas da minha família aprovam os amigos uns dos outros.					
4. Na minha família, pais e filhos definem as regras em conjunto.					
5. As pessoas da minha família gostam de fazer actividades apenas com a família mais próxima.					
6. Na minha família existe mais do que uma pessoa a desempenhar o papel de líder.					
7. As pessoas da minha família sentem-se mais próximas umas das outras do que das pessoas de fora.					
8. A minha família costuma adaptar-se às diferentes situações com que se confronta.					
9. As pessoas da minha família gostam de passar o tempo livre umas com as outras.					
10. Na minha família os pais e os filhos falam sobre os castigos em conjunto.					

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
11. As pessoas da minha família sentem-se muito próximas umas das outras.					
12. Na minha família os filhos têm liberdade para tomar decisões.					
13. Quando a minha família se junta para fazer actividades, estão sempre todos presentes.					
14. Na minha família, as regras vão-se alterando consoante as situações.					
15. As pessoas da minha família pensam em actividades para fazer em conjunto.					
16. Na minha família a responsabilidade pelas tarefas de casa é repartida e alternada.					
17. As pessoas da minha família conversam umas com as outras acerca das decisões que tomam.					
18. Geralmente sinto dificuldade em saber qual é o (s) líder (es) na minha família.					
19. A união familiar é muito importante para as pessoas da minha família.					
20. É difícil dizer quem faz o quê nas tarefas de casa.					

Questionário de ideação suicida (Q.I.S.)

(Tradução e adaptação de Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela, 1993/94)

A seguir vais encontrar uma lista de pensamentos que algumas pessoas costumam ter. Lê com atenção e assinala a resposta que melhor expressa os teus pensamentos, sabendo à partida que não existem respostas certas ou erradas.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
1. Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2. Pensei suicidar-me.							
3. Pensei na maneira como me suicidaria.							
4. Pensei quando me suicidaria.							
5. Pensei em pessoas a morrerem.							
6. Pensei na morte.							
7. Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8. Pensei em escrever um testamento.							
9. Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							

¹Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
10. Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11. Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12. Desejei estar morto.							
13. Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14. Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15. Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto (a).							
16. Desejei ter coragem para me matar.							
17. Desejei nunca ter nascido.							
18. Pensei que se tivesse uma oportunidade me suicidaria.							

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
19.Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20.Pensei em matar-me mas não o faria.							
21.Pensei em ter um acidente grave.							
22.Pensei que a vida não valia a pena.							
23.Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24.Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25.Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocupar-se comigo.							
26.Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo (a) ou morto (a).							

³ Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
27.Pensei em magoar-me mas não suicidar-me.							
28.Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29.Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia.							
30.Desejei ter o direito de me matar.							

⁴Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

Versão III

Idade ____ Género: Feminino Masculino Ano de escolaridade ____

Com quem vives? _____

Qual a profissão da (o) :

Mãe _____ Pai _____ Estado civil _____

Quais as suas habilitações literárias?

Mãe _____ Pai _____

Tens irmãos? Sim Não Se sim quantos e que idade têm? _____

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar

(Versão portuguesa de Abreu, & Pereira, 2008)

Agora vais encontrar uma série de frases que te podem ajudar a descrever a forma como as pessoas da tua família se relacionam. O que te pedimos é que leias com atenção e coloques uma cruz (X) na resposta que aches que melhor caracteriza a tua família.

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. As pessoas da minha família pedem ajuda uns aos outros.					
2. Na resolução de problemas, as sugestões dos filhos são ouvidas.					
3. As pessoas da minha família aprovam os amigos uns dos outros.					
4. Na minha família, pais e filhos definem as regras em conjunto.					
5. As pessoas da minha família gostam de fazer actividades apenas com a família mais próxima.					
6. Na minha família existe mais do que uma pessoa a desempenhar o papel de líder.					
7. As pessoas da minha família sentem-se mais próximas umas das outras do que das pessoas de fora.					
8. A minha família costuma adaptar-se às diferentes situações com que se confronta.					
9. As pessoas da minha família gostam de passar o tempo livre umas com as outras.					
10. Na minha família os pais e os filhos falam sobre os castigos em conjunto.					

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
11. As pessoas da minha família sentem-se muito próximas umas das outras.					
12. Na minha família os filhos têm liberdade para tomar decisões.					
13. Quando a minha família se junta para fazer actividades, estão sempre todos presentes.					
14. Na minha família, as regras vão-se alterando consoante as situações.					
15. As pessoas da minha família pensam em actividades para fazer em conjunto.					
16. Na minha família a responsabilidade pelas tarefas de casa é repartida e alternada.					
17. As pessoas da minha família conversam umas com as outras acerca das decisões que tomam.					
18. Geralmente sinto dificuldade em saber qual é o (s) líder (es) na minha família.					
19. A união familiar é muito importante para as pessoas da minha família.					
20. É difícil dizer quem faz o quê nas tarefas de casa.					

Inventário de Separação Psicológica (I.S.P.)

(Versão de Abreu, & Pereira, 2008)

A seguir vais encontrar uma lista de frases que te podem ajudar a descrever a forma como te relacionas com o teu pai e com a tua mãe. Cada um de nós tem uma forma diferente de se relacionar com os pais, por isso, pedimos-te que coloques uma cruz (X) na resposta que melhor descreva a relação que tu estabelecees com cada um deles.

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
1. Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos.					
2. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às do meu pai.					
3. Por vezes o meu pai é um peso para mim.					
4. O meu pai tem influenciado a minha escolha de amigos.					
5. Tenho saudades do meu pai se estou muito tempo longe dele.					
6. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às do meu pai.					
7. Sinto, muitas vezes, que estou em guerra com o meu pai.					
8. Normalmente, peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos.					
9. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
10. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às do meu pai.					
11. Culpo o meu pai de muitos problemas que eu tenho.					
12. Peço muitas vezes ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
13. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
14. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às do meu pai.					
15. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector comigo.					
16. Só compro alguma coisa quando o meu pai concorda.					
17. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.					
18. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às do meu pai.					
19. Gostava que o meu pai tentasse não mandar tanto em mim.					
20. Decido o que vou fazer de acordo com o que o meu pai aprova.					
21. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.					
22. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às do meu pai.					
23. Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter.					
24. Pergunto ao meu pai o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
25. Depois de ir de férias com o meu pai tenho dificuldades em separar-me dele.					
26. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às do meu pai.					
27. Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um (a) adulto (a).					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
28. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) ao meu pai.					
29. Gosto de dar beijos e abraços ao meu pai.					
30. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às do meu pai.					
31. Estou muitas vezes zangado (a) com o meu pai.					
32. Gosto que o meu pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
33. O meu pai é o meu melhor amigo.					
34. As ideias que tenho sobre a política são semelhantes às do meu pai.					
35. Gostaria que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele.					
36. Acho que tenho uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade.					
37. Por vezes o meu pai deixa-me embaraçado (a).					
38. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com o meu pai.					
39. Fico irritado (a) quando o meu pai me critica.					
40. Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos					
41. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às da minha mãe.					
42. Por vezes a minha mãe é um peso para mim.					
43. A minha mãe tem influenciado a minha escolha de amigos.					
44. Tenho saudades da minha mãe se estou muito tempo longe dela.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
45. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às da minha mãe.					
46. Sinto muitas vezes que estou em guerra com a minha mãe.					
47. Normalmente, peço ajuda à minha mãe para me livrar de sarilhos.					
48. A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
49. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe.					
50. Culpo a minha mãe de muitos problemas que eu tenho.					
51. Peço muitas vezes à minha mãe que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
52. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.					
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às da minha mãe.					
54. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora comigo.					
55. Só compro alguma coisa quando a minha mãe concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe.					
52. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.					
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às da minha mãe.					
54. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora comigo.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
55. Só compro alguma coisa quando a minha mãe concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe.					
58. Gostava que a minha mãe tentasse não mandar tanto em mim.					
59. Decido o que vou fazer de acordo com o que a minha mãe aprova.					
60. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe.					
61. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às da minha mãe.					
62. Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter.					
63. Pergunto à minha mãe o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
64. Depois de ir de férias com a minha mãe tenho dificuldades em separar-me dela.					
65. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe.					
66. Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um (a) adulto (a)					
67. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) à minha mãe.					
68. Gosto de dar beijos e abraços à minha mãe.					
69. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às da minha mãe.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
70. Estou muitas vezes zangado (a) com a minha mãe.					
71. Gosto que a minha mãe me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
72. A minha mãe é a minha melhor amiga.					
73. As ideias que tenho sobre política são semelhantes às da minha mãe.					
74. Gostaria que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela.					
75. Acho que tenho uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade.					
76. Por vezes a minha mãe deixa-me embaraçado (a).					
77. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com a minha mãe.					
78. Fico irritado (a) quando a minha mãe me critica.					

Questionário de ideação suicida (Q.I.S.)

(Tradução e adaptação de Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela, 1993/94)

A seguir vais encontrar uma lista de pensamentos que algumas pessoas costumam ter. Lê com atenção e assinala a resposta que melhor expressa os teus pensamentos, sabendo à partida que não existem respostas certas ou erradas.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
1. Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2. Pensei suicidar-me.							
3. Pensei na maneira como me suicidaria.							
4. Pensei quando me suicidaria.							
5. Pensei em pessoas a morrerem.							
6. Pensei na morte.							
7. Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8. Pensei em escrever um testamento.							
9. Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							

¹ Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
10. Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11. Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12. Desejei estar morto.							
13. Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14. Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15. Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto (a).							
16. Desejei ter coragem para me matar.							
17. Desejei nunca ter nascido.							
18. Pensei que se tivesse uma oportunidade me suicidaria.							

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
19.Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20.Pensei em matar-me mas não o faria.							
21.Pensei em ter um acidente grave.							
22.Pensei que a vida não valia a pena.							
23.Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24.Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25.Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocupar-se comigo.							
26.Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo (a) ou morto (a).							

³ Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
27.Pensei em magoar-me mas não suicidar-me.							
28.Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29.Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia.							
30.Desejei ter o direito de me matar.							

⁴Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

Versão IV

Idade _____	Género: Feminino <input type="checkbox"/>	Masculino <input type="checkbox"/>	Ano de escolaridade _____
Com quem vives? _____			
Qual a profissão da (o):			
Mãe _____	Pai _____	Estado civil _____	
Quais as suas habilitações literárias?			
Mãe _____	Pai _____		
Tens irmãos? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim quantos e que idade têm? _____			

Inventário de Separação Psicológica (I.S.P.)

(Versão de Abreu, & Pereira, 2008)

A seguir vais encontrar uma lista de frases que te podem ajudar a descrever a forma como te relacionas com o teu pai e com a tua mãe. Cada um de nós tem uma forma diferente de se relacionar com os pais, por isso, pedimos-te que coloques uma cruz (X) na resposta que melhor descreva a relação que tu estabelececes com cada um deles. Não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é que sejas espontâneo e sincero. As tuas respostas serão anónimas e confidenciais.

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
1. Gosto de mostrar a fotografia do meu pai aos meus amigos.					
2. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às do meu pai.					
3. Por vezes o meu pai é um peso para mim.					
4. O meu pai tem influenciado a minha escolha de amigos.					
5. Tenho saudades do meu pai se estou muito tempo longe dele.					
6. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às do meu pai.					
7. Sinto, muitas vezes, que estou em guerra com o meu pai.					
8. Normalmente, peço ajuda ao meu pai para me livrar de sarilhos.					
9. O meu pai é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
10. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às do meu pai.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
11. Culpo o meu pai de muitos problemas que eu tenho.					
12. Peço muitas vezes ao meu pai que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					
13. Estar longe do meu pai faz-me sentir só.					
14. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às do meu pai.					
15. Gostava que o meu pai não fosse tão excessivamente protector comigo.					
16. Só compro alguma coisa quando o meu pai concorda.					
17. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz do meu pai.					
18. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às do meu pai.					
19. Gostava que o meu pai tentasse não mandar tanto em mim.					
20. Decido o que vou fazer de acordo com o que o meu pai aprova.					
21. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com o meu pai.					
22. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às do meu pai.					
23. Sinto que tenho obrigações para com o meu pai que gostava de não ter.					
24. Pergunto ao meu pai o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
25. Depois de ir de férias com o meu pai tenho dificuldades em separar-me dele.					
26. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às do meu pai.					
27. Desejo muitas vezes que o meu pai me trate mais como um (a) adulto (a).					
28. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) ao meu pai.					
29. Gosto de dar beijos e abraços ao meu pai.					
30. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às do meu pai.					
31. Estou muitas vezes zangado (a) com o meu pai.					
32. Gosto que o meu pai me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
33. O meu pai é o meu melhor amigo.					
34. As ideias que tenho sobre a política são semelhantes às do meu pai.					
35. Gostaria que o meu pai não tentasse que eu tomasse o partido dele.					
36. Acho que tenho uma relação mais próxima com o meu pai do que a maioria das pessoas da minha idade.					
37. Por vezes o meu pai deixa-me embaraçado (a).					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
38. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com o meu pai.					
39. Fico irritado (a) quando o meu pai me critica.					
40. Gosto de mostrar a fotografia da minha mãe aos meus amigos.					
41. As ideias que tenho sobre o racismo são semelhantes às da minha mãe.					
42. Por vezes a minha mãe é um peso para mim.					
43. A minha mãe tem influenciado a minha escolha de amigos.					
44. Tenho saudades da minha mãe se estou muito tempo longe dela.					
45. As ideias que tenho sobre a droga são semelhantes às da minha mãe.					
46. Sinto muitas vezes que estou em guerra com a minha mãe.					
47. Normalmente, peço ajuda à minha mãe para me livrar de sarilhos.					
48. A minha mãe é a pessoa mais importante do mundo para mim.					
49. As opiniões que tenho sobre o papel das mulheres são semelhantes às da minha mãe.					
50. Culpo a minha mãe de muitos problemas que eu tenho.					
51. Peço muitas vezes à minha mãe que me ajude a resolver os meus problemas pessoais.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
52. Estar longe da minha mãe faz-me sentir só.					
53. As opiniões que tenho sobre o papel dos homens são semelhantes às da minha mãe.					
54. Gostava que a minha mãe não fosse tão excessivamente protectora comigo.					
55. Só compro alguma coisa quando a minha mãe concorda.					
56. Quando estou longe de casa às vezes telefono só para ouvir a voz da minha mãe.					
57. As ideias que tenho sobre a religião são semelhantes às da minha mãe.					
58. Gostava que a minha mãe tentasse não mandar tanto em mim.					
59. Decido o que vou fazer de acordo com o que a minha mãe aprova.					
60. Quando vou de férias gosto de passar a maior parte do tempo com a minha mãe.					
61. As ideias que tenho sobre os direitos humanos são semelhantes às da minha mãe.					
62. Sinto que tenho obrigações para com a minha mãe que gostava de não ter.					
63. Pergunto à minha mãe o que hei-de fazer quando estou numa situação difícil.					
64. Depois de ir de férias com a minha mãe tenho dificuldades em separar-me dela.					
65. As ideias que tenho sobre o que acontece às pessoas quando morrem são semelhantes às da minha mãe.					

	Discordo inteiramente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo inteiramente
66. Desejo muitas vezes que a minha mãe me trate mais como um (a) adulto (a).					
67. Às vezes penso que sou muito agarrado (a) à minha mãe.					
68. Gosto de dar beijos e abraços à minha mãe.					
69. As ideias que tenho sobre a sexualidade são semelhantes às da minha mãe.					
70. Estou muitas vezes zangado (a) com a minha mãe.					
71. Gosto que a minha mãe me ajude a escolher a roupa que compro para ocasiões especiais.					
72. A minha mãe é a minha melhor amiga.					
73. As ideias que tenho sobre política são semelhantes às da minha mãe.					
74. Gostaria que a minha mãe não tentasse que eu tomasse o partido dela.					
75. Acho que tenho uma relação mais próxima com a minha mãe do que a maioria das pessoas da minha idade.					
76. Por vezes a minha mãe deixa-me embaraçado (a).					
77. Quando estou longe sinto-me culpado (a) se não falo várias vezes com a minha mãe.					
78. Fico irritado (a) quando a minha mãe me critica.					

Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar

(Versão portuguesa de Abreu, & Pereira, 2008)

Agora vais encontrar uma série de frases que te podem ajudar a descrever a forma como as pessoas da tua família se relacionam. O que te pedimos é que leias com atenção e coloques uma cruz (X) na resposta que aches que melhor caracteriza a tua família.

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
1. As pessoas da minha família pedem ajuda uns aos outros.					
2. Na resolução de problemas, as sugestões dos filhos são ouvidas.					
3. As pessoas da minha família aprovam os amigos uns dos outros.					
4. Na minha família, pais e filhos definem as regras em conjunto.					
5. As pessoas da minha família gostam de fazer actividades apenas com a família mais próxima.					
6. Na minha família existe mais do que uma pessoa a desempenhar o papel de líder.					
7. As pessoas da minha família sentem-se mais próximas umas das outras do que das pessoas de fora.					
8. A minha família costuma adaptar-se às diferentes situações com que se confronta.					
9. As pessoas da minha família gostam de passar o tempo livre umas com as outras.					
10. Na minha família os pais e os filhos falam sobre os castigos em conjunto.					

	Nada frequente	Pouco frequente	Nem muito nem pouco frequente	Frequente	Muito frequente
11. As pessoas da minha família sentem-se muito próximas umas das outras.					
12. Na minha família os filhos têm liberdade para tomar decisões.					
13. Quando a minha família se junta para fazer actividades, estão sempre todos presentes.					
14. Na minha família, as regras vão-se alterando consoante as situações.					
15. As pessoas da minha família pensam em actividades para fazer em conjunto.					
16. Na minha família a responsabilidade pelas tarefas de casa é repartida e alternada.					
17. As pessoas da minha família conversam umas com as outras acerca das decisões que tomam.					
18. Geralmente sinto dificuldade em saber qual é o (s) líder (es) na minha família.					
19. A união familiar é muito importante para as pessoas da minha família.					
20. É difícil dizer quem faz o quê nas tarefas de casa.					

Questionário de ideação suicida (Q.I.S.)

(Tradução e adaptação de Joaquim Armando Ferreira e Maria Cristina Castela, 1993/94)

A seguir vais encontrar uma lista de pensamentos que algumas pessoas costumam ter. Lê com atenção e assinala a resposta que melhor expressa os teus pensamentos, sabendo à partida que não existem respostas certas ou erradas.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
1. Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2. Pensei suicidar-me.							
3. Pensei na maneira como me suicidaria.							
4. Pensei quando me suicidaria.							
5. Pensei em pessoas a morrerem.							
6. Pensei na morte.							
7. Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8. Pensei em escrever um testamento.							
9. Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							

¹Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
10. Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11. Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12. Desejei estar morto.							
13. Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14. Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15. Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto (a).							
16. Desejei ter coragem para me matar.							
17. Desejei nunca ter nascido.							
18. Pensei que se tivesse uma oportunidade me suicidaria.							

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
19.Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20.Pensei em matar-me mas não o faria.							
21.Pensei em ter um acidente grave.							
22.Pensei que a vida não valia a pena.							
23.Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24.Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25.Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocupar-se comigo.							
26.Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo (a) ou morto (a).							

³ Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

	Nunca	Quase nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Quase sempre	Sempre
27.Pensei em magoar-me mas não suicidar-me.							
28.Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29.Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia.							
30.Desejei ter o direito de me matar.							

⁴Contactos: Hospital Santa Maria – Avenida Prof. Egas Moniz, Lisboa. Telefone (geral): 217 901 200; Tel./Fax (directo): 217 805 137. E-mail: info@tu-importas.com.

ANEXO III
Caracterização da família

Output 1 – Caracterização da família quanto à dimensão coesão e adaptabilidade, respectivamente, através dos percentis.

Statistics

MDFRCos

N	Valid	289
	Missing	0
Percentiles	25	3,1000
	50	3,5000
	75	3,9000

< ou = 3,1 – Famílias Desagregadas

Entre 3,1 e 3,9 – Famílias Separadas/Ligadas

> ou = 3,9 – Famílias Aglutinadas

Statistics

MDFRAp

N	Valid	289
	Missing	0
Percentiles	25	2,8000
	50	3,2000
	75	3,5278

< ou = 2,8 – Famílias Rígidas

Entre 2,8 e 3,5278 – Famílias Estruturadas/Flexíveis

> ou = 3,5278 – Famílias Caóticas